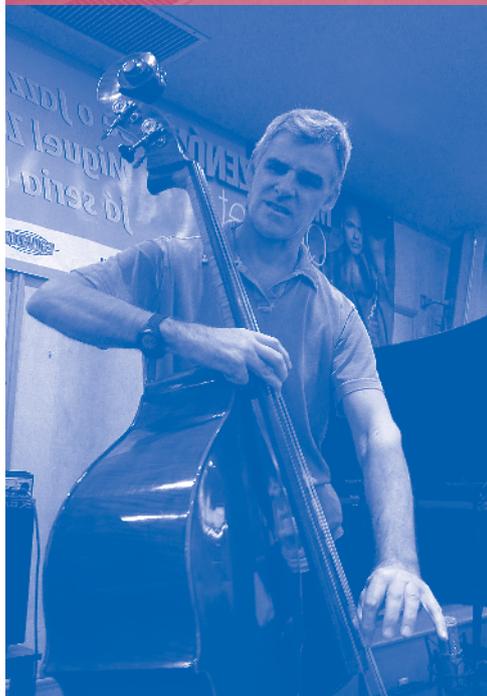


# HOTnews 17

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL / MARÇO 2022



**LUÍS HILÁRIO**  
— I'M GETTING  
SENTIMENTAL  
OVER YOU  
DEPOIMENTOS

**CASCAIS JAZZ -**  
50 ANOS

**DUARTE MENDONÇA:**  
UM EMBAIXADOR DO  
JAZZ EM PORTUGAL  
JOÃO MOREIRA DOS SANTOS



**ASSOCIAÇÃO CIRCUITO**  
INÊS HOMEM CUNHA

**JAZZ E OUTRAS**  
MÚSICAS  
BRUNO SANTOS

**UMA TESTEMUNHA**  
ACTIVA DA(S)  
HISTÓRIA(S)  
DA ESCOLA LUIZ  
VILLAS-BOAS  
ENTREVISTA A  
BÁRBARA SANTOS



**VOICE LEADING**  
— APLICAÇÕES À  
IMPROVISAÇÃO  
NUNO FERREIRA

**OIÇAM LÁ ISTO!**  
DANIEL BERNARDES

## MARÇO 2022

**2**

QUARTA

### MARTA RODRIGUES QUINTETO

*Newcomers*

MARTA RODRIGUES voz  
DUARTE VENTURA vibrafone  
LUÍS LÉLIS piano  
GONÇALO NAIJA contra baixo  
JOÃO SOUSA bateria

**3, 4 e 5**

QUINTA A SÁBADO

### ANNA LUNDQVIST

*Lisboa Cinco*

ANNA LUNDQVIST  
voz e composição  
DESIDÉRIO LÁZARO  
saxofone tenor (dias 3 e 5)  
DANIEL BERNARDES piano  
ANDRÉ CARVALHO contra baixo  
JOEL SILVA bateria (dias 3 e 4)  
LEANDRO LEONET SILVA bateria (dia 5)

**10**

QUINTA

### RAMONA HORVATH & NICOLAS RAGEAU

RAMONA HORVATH piano  
NICOLAS RAGEAU contra baixo

**11 e 12**

SEXTA E SÁBADO

### FOUR KLEIN

*a música de Guillermo Klein*

LUÍS CUNHA trompete  
ÓSCAR GRAÇA piano  
FRANCISCO BRITO contra baixo  
PEDRO FELGAR bateria

**15**

TERÇA

### WAYNE ESCOFFERY QUARTETO

WAYNE ESCOFFERY saxofone tenor  
DAVID KIKOSKI piano  
UGONNA OKEGWO contra baixo  
MARK WHITFIELD bateria

**16**

QUARTA

### NOITE DE COMBO ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS BOAS / HCP

Combo orientado pela Prof. JOANA MACHADO  
BARBARA SILVA voz  
ANDRÉ PIZARRO contra baixo

**17 e 18**

QUINTA E SEXTA

### MAZAM

JOÃO MORTÁGUA saxofones alto e soprano  
CARLOS AZEVEDO piano  
MIGUEL ÂNGELO contra baixo  
MÁRIO COSTA bateria

**19**

SÁBADO

### ANIVERSÁRIO DO HOT CLUBE

*Long ago and far away*

JOÃO MOREIRA trompete  
PEDRO MOREIRA saxofone tenor  
BRUNO SANTOS guitarra  
BERNARDO MOREIRA contra baixo  
ANDRÉ SOUSA MACHADO bateria

**24, 25 e 26**

QUINTA A SÁBADO

### AFONSO PAIS TRIO

AFONSO PAIS guitarra  
BERNARDO MOREIRA contra baixo  
JOÃO PEREIRA bateria

**30**

QUARTA

### NOITE DE COMBO ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS BOAS / HCP

Combo orientado pelo Prof. FRANCISCO BRITO  
MARGARIDA MOURÃO voz  
GUILHERME FORTUNATO guitarra  
MARTIM BROA guitarra  
FRANCISCO LEITE piano  
ANDRÉ PIZARRO contra baixo  
JOÃO VENTURA bateria

**31, 1 e 2 Abril**

QUINTA A SÁBADO

### NELSON CASCAIS

*Remembrance: The Poetry  
of Emily Brontë*

CLÁUDIO ALVES voz  
RICARDO TOSCANO saxofone alto  
EDUARDO CARDINHO vibrafone  
ÓSCAR GRAÇA piano e sintetizador  
NELSON CASCAIS contra baixo e composição  
JOÃO LOPES PEREIRA bateria

**DIAS 1, 8, 22 E 29 MARÇO**

TERÇAS-FEIRAS — ENTRADA LIVRE

**JAM SESSION COM ROMEU TRISTÃO**

## O que aí vem exige coragem

Os balanços revestem-se sempre de alguma inutilidade. Sinto muitas vezes que se aprende pouco com esse exercício e por definição já não se pode mudar o que se fez.

Quando em 2009, seis meses depois de assumirmos a Direcção do Hot, um incêndio destruiu a nossa sede, iniciou-se uma verdadeira batalha pela sobrevivência do Clube. Não só o conseguimos como enfrentámos, dez anos depois, uma das piores crises institucionais do Hot, consequência da pandemia, que ainda não tem fim à vista.

Dito isto, nos treze anos desta Direcção penso que podíamos ter feito mais. E melhor.

Podíamos ser, agora, líderes na mudança de mentalidades neste país pequenino, que continua a achar que a arte é descartável, um luxo de diletantes; podíamos ser exemplos de dinamismo e de independência face aos poderes públicos que continuam a ser geridos por *lobbies* não necessariamente políticos; podíamos ser revolucionários no ensino da música, condenada a ser a disciplina dos forçados à precariedade do trabalho e expropriados de um futuro digno. Pelo que, – e apesar de um claro mas humilde sentimento de missão cumprida – surge agora uma sombra de alguma frustração e tristeza. Há tanto por fazer!

Tenho consciência de que fizemos uma mudança. Mas na verdade, no actual quadro, essa mudança parece-me pouco significativa e pouco ousada. O que aí vem exige coragem para afirmar a inadiável necessidade de instituições como o Hot Clube na sociedade portuguesa. Para afirmar o imperativo da arte, – em particular da música e de quem a faz – pondo termo ao exílio a que tem sido remetido o contributo dos seus criadores e abrindo horizontes para a construção de uma sociedade saudável e justa, mais esclarecida e senhora do seu destino.

Por mim estarei sempre disponível para, com o Hot Clube, participar nesse movimento de mudança.

**Inês Homem Cunha**

**4**  
LUÍS HILÁRIO — I'M GETTING  
SENTIMENTAL OVER YOU  
**DEPOIMENTOS**

**8**  
CASCAIS JAZZ – 50 ANOS  
HOMENAGEM GRÁFICA AOS 50 ANOS DO  
1º FESTIVAL DE JAZZ DE CASCAIS (2021)

**10**  
UM EMBAIXADOR DO JAZZ  
EM PORTUGAL  
**DUARTE MENDONÇA (1931-2021)**

**13**  
ASSOCIAÇÃO CIRCUITO  
MAIO 2021: HOT CLUBE E  
ASSOCIAÇÃO CIRCUITO

**14**  
NOTÍCIAS  
RESPECT / O JAZZ E A BD / PARCERIA  
SMOOTH FM / ENSAIO DE ORQUESTRA

**15**  
BILHETE DE IDENTIDADE  
**DAVID GAUSDEN**

**16**  
JAZZ E OUTRAS MÚSICAS  
NOVA VERTENTE, "OUTRAS MÚSICAS"

**17**  
UMA TESTEMUNHA ACTIVA DA(S)  
HISTÓRIA(S) DA ESCOLA LUIZ  
VILLAS-BOAS  
**ENTREVISTA A BÁRBARA SANTOS**

**19**  
VOICE LEADING  
APLICAÇÕES À IMPROVISAÇÃO  
**NUNO FERREIRA**

**22**  
OICAM LÁ ISTO  
**AS ESCOLHAS DE DANIEL BERNARDES**

**23**  
POST-IT  
**MEMÓRIAS DO HCP**

**24**  
CRONOLOGIA  
**1957 > 1962**

## HOTnews 17

MARÇO 2022

Direcção Inês Cunha / Colaboram neste número Inês Homem Cunha, Bruno Santos, Carlos Bica, Mário Franco, Jerónimo Belo, Paulo Gil, António Curvelo, João Moreira dos Santos, Bárbara Santos, Nuno Ferreira e Daniel Bernardes, / Design gráfico / paginação Paula Cardoso (AKA HOTdog) / Capa Luís Hilário © Rosa Reis / Produção Luís Guilherme Cunha **HOT CLUBE DE PORTUGAL** Presidente da Mesa da Assembleia Geral Bernardo Moreira / Presidente do Conselho Directivo Inês Homem Cunha / Presidente do Conselho Fiscal José Sousa Soares / SEDE Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305

**ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** Director pedagógico Bruno Santos **MORADA** Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740

A HOTNEWS É ESCRITA DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA OU DE ACORDO COM A OPÇÃO DE CADA AUTOR.

A INFORMAÇÃO E COMENTÁRIOS INCLuíDOS NOS CONTEÚDOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO DA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.



INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA  
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001  
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA  
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA  
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES  
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION  
OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO  
OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

WWW.HCP.PT  
HCP@HCP.PT  
WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL



# I'M GETTING SENTIMENTAL OVER YOU

Por incrível que pareça, o Luís Hilário não nasceu no Hot. Mas os anos que lá viveu valem uma vida – 40, mais de 40, quase 50? A conta certa pouco importa – para várias gerações jazzísticas o Luís era um dos símbolos do Clube. Era ele (e os seus cúmplices, Fernando e Zé Manuel) que nos recebia à entrada, era ele que nos servia ao balcão, era dele que ouvíamos as “últimas” e as “próximas” da programação musical e com ele trocávamos, ainda, impressões sobre os últimos discos ou o concerto de anteontem. Raros, raríssimos serão os músicos do jazz nacional que não lhe “passaram pelas mãos”. Paciente (quase sempre), metódico (sempre), com o Luís todos sabíamos “o que a casa gasta”. E o Hot contava com ele como ele contava com o Hot.

Em 2020 o Luís caiu em tentação e “reformou-se”. Hoje é possível entrar no Hot e não ver o Luís Hilário ... Mas há noites em que podemos sentar-nos com ele a uma mesa em vez de só falarmos ao balcão, entre dois drinks. Muitos de nós já o fizemos de viva voz – mas Hot News faz questão de dizê-lo por escrito, alto e bom som – Obrigado, Luís!

## O Luís Hilário já lá andava há muitos anos

Quando eu cheguei ao Hot já o Luís Hilário por lá andava. Há muitos anos. E por sorte ou por azar a primeira batalha que juntos tivemos que travar foi logo uns meses depois da minha tomada de posse: o incêndio na sede do Clube, em Dez de 2009.

Ninguém sai ileso de uma batalha. Durante muitos meses trabalhámos em equipa, com abordagens muito diferentes mas sempre com um objectivo comum: reerguer a sede do Clube, respeitando a história e a tradição que ele, mais do que eu, conhecia muito bem. Todos os pormenores foram debatidos, todas as decisões foram alvo de discussão, nem todas foram consensuais.

Se eu sinto que essa batalha foi levada a cabo graças a um esforço incomensurável de várias pessoas, reconheço que para o Luís ela deve ter sido especialmente dolorosa. Assim como reconheço que a ele se deve em grande parte a evidência de que a ganhámos: a história, a tradição e a alma sobretudo, estão lá.

**Inês Homem Cunha**

## O Luís é um caso raro

O Luís é um caso raro. A todos os níveis! Mistura e executa com mestria uma data de funções. Como programador é dos poucos não músicos que tem profundo conhecimento do detalhe e dos segredos que escondem os músicos. Ouve com ouvidos de músico e tem orelha muito exigente. Produtor sem falhas. Conhecedor profundo desta música. Quem gravou, com quem, em que ano, para que editora. Sabe tudo. E faz com entrega e amor à causa, à música. É dos seres mais honestos que conheci no meio. Se diz que paga 1000, acredito. Se diz que só tem 10 para pagar, também acredito, mas tenho pena.

O Hot e os músicos devem-lhe muito. Rigor, conhecimento, paixão e transparência. E com um sentido de humor mordaz!

**Bruno Santos**

**(...) SOUBE LOGO COMO ÍA SER O FUTURO IMEDIATO: UM HOT IGUAL EM TUDO MAS SEM O LUÍS HILÁRIO, ISTO É, UM HOT DIFERENTE. (...) AC**

## Pessoas como tu são imprescindíveis

O Hot Clube foi sempre para mim como uma segunda casa e o seu anfitrião, o Luís Hilário, um grande amigo. Trago comigo boas memórias das inúmeras noites vividas no Hot Clube na sua companhia, muitas delas que acabavam já pela madrugada adentro. Foram muitos os projectos musicais por mim iniciados que o Hot Clube viu nascer e para isso contei sempre com a total disponibilidade do Luís Hilário em me receber de braços abertos.

Foi com muita pena que tive conhecimento da notícia que o Luís iria deixar de exercer as suas funções no Hot Clube, o conhecimento da música Jazz, a capacidade de organização, o cumprimento de horários, a simpatia de um excelente barman, tudo isso e muito mais foram desde sempre atributos que muito contribuíram para que o Hot Clube seja hoje um dos melhores clubes de jazz do mundo.

Obrigado Luís, por nos teres aturado todos estes anos, espero no entanto que a coisa não fique por aqui e que nós te possamos ver muito mais vezes não só em concertos como espectador, mas sobretudo como divulgador e programador das músicas improvisadas, pessoas como tu são imprescindíveis para que um músico se possa sentir bem em cima de um palco e faça boa música.

**Carlos Bica**

## Luís Hilário é um amigo...

Uma amizade que vem de há muitos anos, e que se funde com as minhas memórias do primeiro Hot Club, das pessoas, dos concertos, das conversas, *jam sessions*... O Luís estava sempre muito atento a tudo o que se passava no Clube, e parecia lidar muito bem com o facto de ser o responsável. Com uma altura considerável, naturalmente impunha logo um certo respeito! O Sérgio Pelágio ainda se lembra do Luís e da sua altura a descer as célebres escadas de ferro e entrar no Hot para assumir funções no Clube. Trazia consigo o Fernando Mendes e o Zé Manel e foi assim que nós o conhecemos.

Gostava do nosso grupo de amigos, todos por volta dos catorze, quinze anos e de nos ver pelo Clube. Com as suas cassetes de música super organizadas, ouvíamos com ele todo o tipo de formações nos mais variados estilos, e ficávamos a conhecer também um pouco das vidas dos músicos que estávamos a ouvir. Numa fase bastante inicial o Clube funcionava também para nós como uma espécie de “recreio”, escada acima, escada abaixo... “Parem lá com isso!” dizia, mas também nos ouvia pacientemente a falar sobre os nossos problemas de adolescentes, acabando sempre por brincar com a situação, pondo termo à conversa já num tom bastante mais desatento. Poucas vezes se irritava, e com aquela calma habitual resolvia situações de perturbação ou manifestações mais efusivas e barulhentas por parte de algum espectador mais desatento.

Muitas vezes apanhava boleia do Luís para casa depois dos concertos e do fecho do antigo Clube. Já à porta de casa as conversas continuavam, tal como hoje em dia continuam, indo sempre mais além do tópico Música...

Na altura as famosas traseiras do Hot eram uma espécie de sub-mundo, com alguma vegetação selvagem circundada por muros que ainda hoje guardam infundáveis conversas sobre um vasto universo de assuntos. Neste local, fruto dessas inúmeras conversas, tomaram-se muitas decisões, desde Festivais de Jazz, realização de concertos, novas formações... e foi também o local onde muitos namoros começaram ou acabaram...

Nos dias onde já não cabia mais ninguém no Clube para ver um grupo mais mediático, na altura em que os grupos podiam tocar uma semana inteira, houve também uma “fase clandestina” de entradas à socapa no Clube pelas traseiras do Hot antigo, paredes meias com o Parque Mayer.

Mas antes de qualquer concerto, tanto no antigo como no novo Clube, lá dentro reinavam e reinam uma estética, uma ordem, uma arrumação, com tudo organizado, com as mesinhas todas limpas e bem postas, cada uma com o programa do mês... nos primeiros tempos com um cinzeiro posto, e agora no novo Clube trocado por pousa copos ou uma pequena tigela com amendoados.

A nossa geração teve assim o privilégio de ver, ao vivo e a cores, o nascimento do grande Mel Luís :) e mesmo explorar com ele a sua música... Mel desenvolveu a sua concepção musical :) em diversos instrumentos (clarinete, voz ou bateria, o seu instrumento de eleição), em infundáveis e divertidas *jam sessions* que na altura podiam ir até ao nascer do sol.

Esta amizade continua e agora vemo-nos no Hot para ouvir música e beber um copo – mas do mesmo lado do balcão...

**Mário Franco**

**(...) ESPERO QUE MANTENHAS A TUA PROXIMIDADE AO JAZZ E QUE CONTINUES A OUVIR E A PARTICIPAR NESTA MÚSICA COMO ATÉ AGORA. (...) PG**

**(...) ASSIM COMO RECONHEÇO QUE A ELE SE DEVE EM GRANDE PARTE A EVIDÊNCIA DE QUE A GANHÁMOS: A HISTÓRIA, A TRADIÇÃO E A ALMA SOBRETUDO, ESTÃO LÁ. (...) IC**

## Luís Hilário, o “soul Brother”

Foi em 1991 que conheci o Luís Hilário. E o assunto foi o Jazz. Já conto como começou entre nós uma bela amizade; condicionada por um pedido de Duarte Mendonça, que Deus tem.

Em 1991, com o apoio do Sector Cultural da Embaixada de Portugal em Luanda, realizei a minha primeira grande experiência como “produtor” de concertos de Jazz em Angola.

Nesse ano, escolhi a cantora Maria Viana, que foi acompanhada pelo “Moreiras Jazztet”. As negociações decorreram em *modo fax*, porque não havia correio electrónico, e as comunicações telefónicas não eram fáceis.

Duarte Mendonça, empresário da cantora e banda, não conhecia nem imaginava o que era a vida em Luanda nessa altura e tive de *chutar para canto* algumas das suas exigências, excepto uma, que considerou fundamental: cantora e banda deveriam viajar acompanhados de um *road manager* porque eram todos muito novos e “um jovem atilado e responsável” seria útil.

Exigência compreendida e aceite, não fosse o Adido Cultural, Manuel Silva Pereira, um melómano e “jazz lover”.

E assim foi: dois concertos no Auditório da Rádio Nacional de Angola com a Maria a cantar Duke Ellington e *standards* de Jazz. E a banda, cumpridora, “Moreiras Jazztet”: Pedro (sax tenor), Bernardo (baixo eléctrico) e mais um Moreira, o Miguel, que na altura não estava tão apaixonado pelas estrelas, planetas e cometas, ao piano. À bateria sentava-se o Carlos Vieira (Cacun) e este escriba e o *road manager* a improvisar concertos e os tempos livres, não sonhavam que nasceria aí uma parceria sólida e uma amizade para sempre.

Depois da Maria Viana e dos Moreiras Jazztet passaram por Luanda alguns dos nomes importantes do Jazz “Made in Portugal” e “Made in USA” e ainda “Made in Brazil”.

Muito do Jazz que Angola ouviu tem toque do Luís Hilário: Carlos Martins, Bernardo Sassetti e Carlos Barretto e bandas; Mário Delgado e Mário Santos, Maria João e Mário Laginha, Vanessa Rubin, Greg Tardy e Paula Oliveira; Melissa Walker, Mark Turner e Nicholas Payton; Jacinta e Joana Rios e Carmen Lundy & Aaron Goldberg. Angola também ouviu Nnenna Freelon, Alexandre Frazão, Luiz Avellar, Maria Anadon e Joshua Redman, Miguel Zénon e Dee Alexander e Ambrose Akinmusire, entre outros.

Nestes e noutros concertos o Luís foi essencial na organização, no rigor, nas contas até ao milímetro e, sobretudo, um companheiro.

Apresentou-me aos músicos que passam pelo Hot, afinadores de piano, e ensinou-me/nos a organizar um concerto a sério.

Deste modo, e devido ao Luís, quem aterrou e tocou em Luanda recordará que teve um programa rigoroso a cumprir, passeio à Ilha do Mussulo, e amigos de braços abertos à chegada.

A terminar: devemos todos nós – os que amam o Jazz em Angola – muito, muito ao Luís Hilário, o tranqüilo “Soul Brother”.

**Jerónimo Belo**

## Olá, Luís Hilário

Olá, Luis Hilário... Pois é, são quarenta e muitos anos de franca amizade que nos unem... Conhecemo-nos na Lapa, tanto quanto me recordo, trabalhavas como desenhador de arquitectura num edifício mesmo ao lado da minha casa. A amizade recíproca vem dessa época, quando começaste a colaborar no HCP, na programação e coordenação da actividade do “jazz ao vivo”, que semanalmente era apresentado na cave do 39 da Praça da Alegria.

Já então eu era assíduo frequentador do clube, há muitos anos. Durante décadas, contribuíste para que me sentisse bem melhor nos meus tempos livres... Foram noites musicais impressionantes, muitas delas inesquecíveis, que nos permitiram aprimorar a nossa amizade. E, na minha opinião, sempre soubeste dialogar com gente do jazz, quer da casa, quer da estranha. E criaste amigos nessa área, que ainda hoje perduram.

Terminaste a tua actividade no HCP recentemente, mas as saudades já têm o seu peso... As nossas preferências musicais no jazz, particularmente aquelas que mais nos faziam vibrar na música improvisada, sempre foram próximas, senão coincidentes. Vou sentir a tua ausência no HCP ao longo dos tempos, então agora em que conviver com gente amiga nos faz tanta falta. Fui casado duas vezes e foi no clube que “conheci” a Vera e a João, encontros esses que testemunhaste como bem recordo... E, caro Luís, gente das minhas relações que tenha trabalhado na mesma “empresa” quase cinquenta anos, contam-se pelos dedos de uma mão!

Espero que mantenhas a tua proximidade ao jazz e que continues a ouvir e a participar nesta música como até agora.  
Adeus, Luís Hilário, até breve.

**Paulo Gil**

**(...) MAS ANTES DE QUALQUER CONCERTO, TANTO NO ANTIGO COMO NO NOVO CLUBE, LÁ DENTRO REINAVAM E REINAM UMA ESTÉTICA, UMA ORDEM UMA ARRUMAÇÃO, COM TUDO ORGANIZADO, COM AS MESINHAS TODAS LIMPAS E BEM POSTAS, CADA UMA COM O PROGRAMA DO MÊS... NOS PRIMEIROS TEMPOS COM UM CINZEIRO POSTO, E AGORA NO NOVO CLUBE TROCADO POR POUSA COPOS OU UMA PEQUENA TIGELA COM AMENDOINS. (...) MF**

**(...) O HOT E OS MÚSICOS DEVEM-LHE MUITO. RIGOR, CONHECIMENTO, PAIXÃO E TRANSPARÊNCIA. E COM UM SENTIDO DE HUMOR MORDAZ! (...) BS**

## You're the one!

A notícia – *meti a reforma!* – chegou-me pelo próprio – o Luís Hilário. Percebi logo que não era uma graça – o Luís brinca com muita coisa mas nunca brinca em serviço. Achei que não valia a pena perguntar-lhe *porquê?* – já sabia a resposta (*estou cansado*). E adivinhei que o cansaço, além das muitas & muitas & muitas noites diárias vividas com alegria na praça do Hot, tinha um fardo novo que pesava anos (o confinamento pandémico). Soube logo como ia ser o futuro imediato: um Hot igual em tudo mas sem o Luís Hilário, isto é, um Hot diferente.

Há coisas assim: nós, os mais velhos, sabemos como elas acontecem. A memória continua connosco mas falta-lhe sempre alguma coisa. Por exemplo, a velha cave do Hot: aquelas escadas serão sempre um dos seus emblemas. Como as colunas que nos faziam ver os músicos em palco às fatias. E o piano, no seu exílio a espreitar o vão da escada. E o Luís Hilário, claro. Do meio das escadas, no horizonte mais longínquo lá estava ele, atrás do balcão, quando os sets já tinham começado a rolar. Porque antes, antes o seu posto era uma peregrinação constante entre o som nos bastidores do bar e as luzes debruçadas sobre o palco. Quando o fogo jogou e perdeu – porque o Hot em vez de se enterrar mudou-se para umas portas a baixo – nasceu outro palco mas manteve-se o “contra-regra”: o som, as luzes, o bar e tudo aquilo que passava pelas mãos do Luís e que quem é do Hot conhece de cor e salteado.

Depois dos abraços de futuras felicidades e antecipadas saudades, ficou-me cá dentro uma dor a roer. Reforma? Será que o Luís tem mesmo direito à reforma? As leis dizem que sim – mas as leis tratam de trabalho, férias, baixas, diuturnidades e por aí fora. Mas são omissas quanto ao jazz. O jazz é trabalho? O Luís dir-nos-á que sim – mas nós (e ele) sabemos que não. Pelo menos no Hot o jazz não é trabalho, é o ar que se respira (mesmo quando pesado...), a companhia de (quase) todas as horas, as cumplicidades de boa parte da história das nossas vidas. Vai daí, parece óbvio que o Luís não tem direito à reforma. Dizem-me que já a está a gozar... Mas há meios para impedir essa ilegalidade – providências cautelares, declarações de inconstitucionalidade, termo de identidade e residência com obrigatoriedade de apresentação diária no Hot... Ou, talvez melhor ainda, detenção domiciliária no Clube com pulseira electrónica...

Luís: a tua reforma é uma ilegalidade. Não a levarás contigo! – digo-to eu com um grande abraço!

**António Curvelo**

Em 2021 celebraram-se os 50 anos do 1º Festival de Jazz de Cascais. A importância desta data não reside tanto no número e na qualidade verdadeiramente surpreendente dos músicos que tocaram nesse primeiro festival, nem na quantidade inaudita de bilhetes vendidos, mas mais na surpresa, no espanto, na curiosidade de quem lá foi sem saber que música era aquela, na fome de cultura nova, na “verdadeira pedrada no charco” num Portugal triste. Na verdade, a primeira edição do Festival de Jazz de Cascais foi tudo isto – uma realidade ainda à espera do seu retrato definitivo.

Entretanto optámos por fazer uma homenagem gráfica a esse acontecimento que durante a década de 70 e parte da de 80 iluminou os dias dos amantes de jazz. E dos que passaram a sê-lo. Fica, também, um agradecimento aos autores dos cartazes que aqui reproduzimos e que fazem já parte do nosso imaginário.

①

FOTO: INÁCIO LUDGERO  
DESIGN: GARIZO DO CARMO

③

FOTO: SAMINA  
DESIGN: SÉRGIO GUIMARÃES

⑦

FOTO: NUNO CALVET

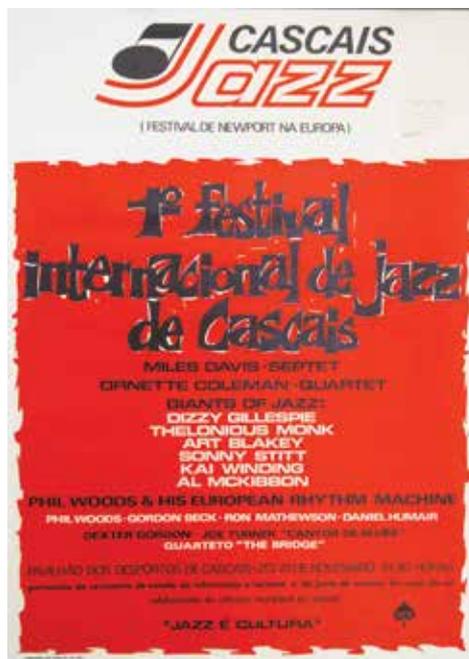
⑧ ⑨

FOTO: NUNO CALVET  
DESIGN: GARIZO DO CARMO

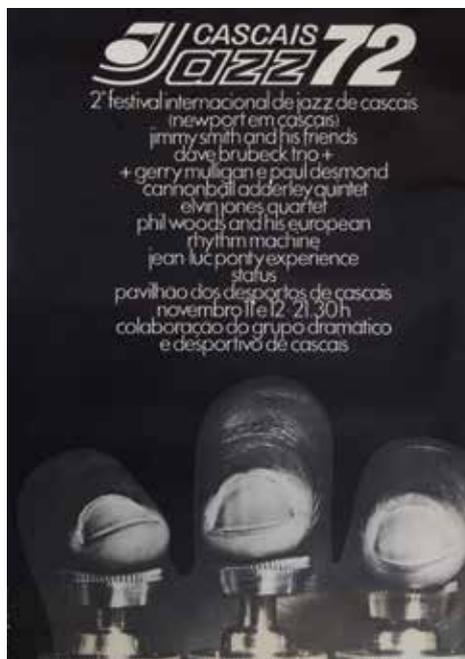
⑩

DESIGN: GARIZO DO CARMO

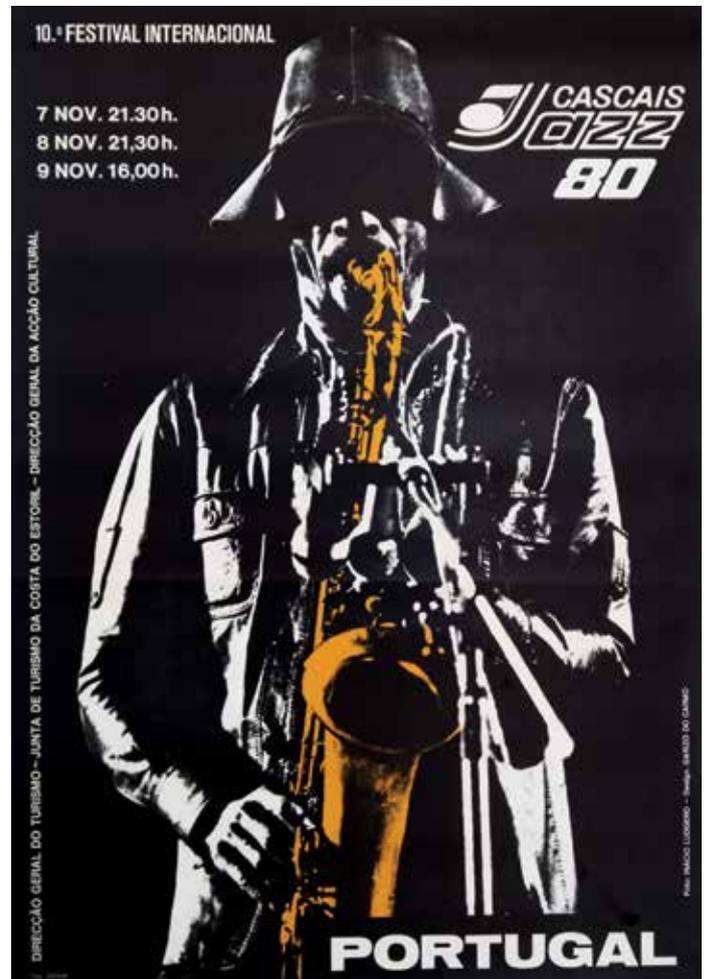
②



③



①



④



5



6



7



8



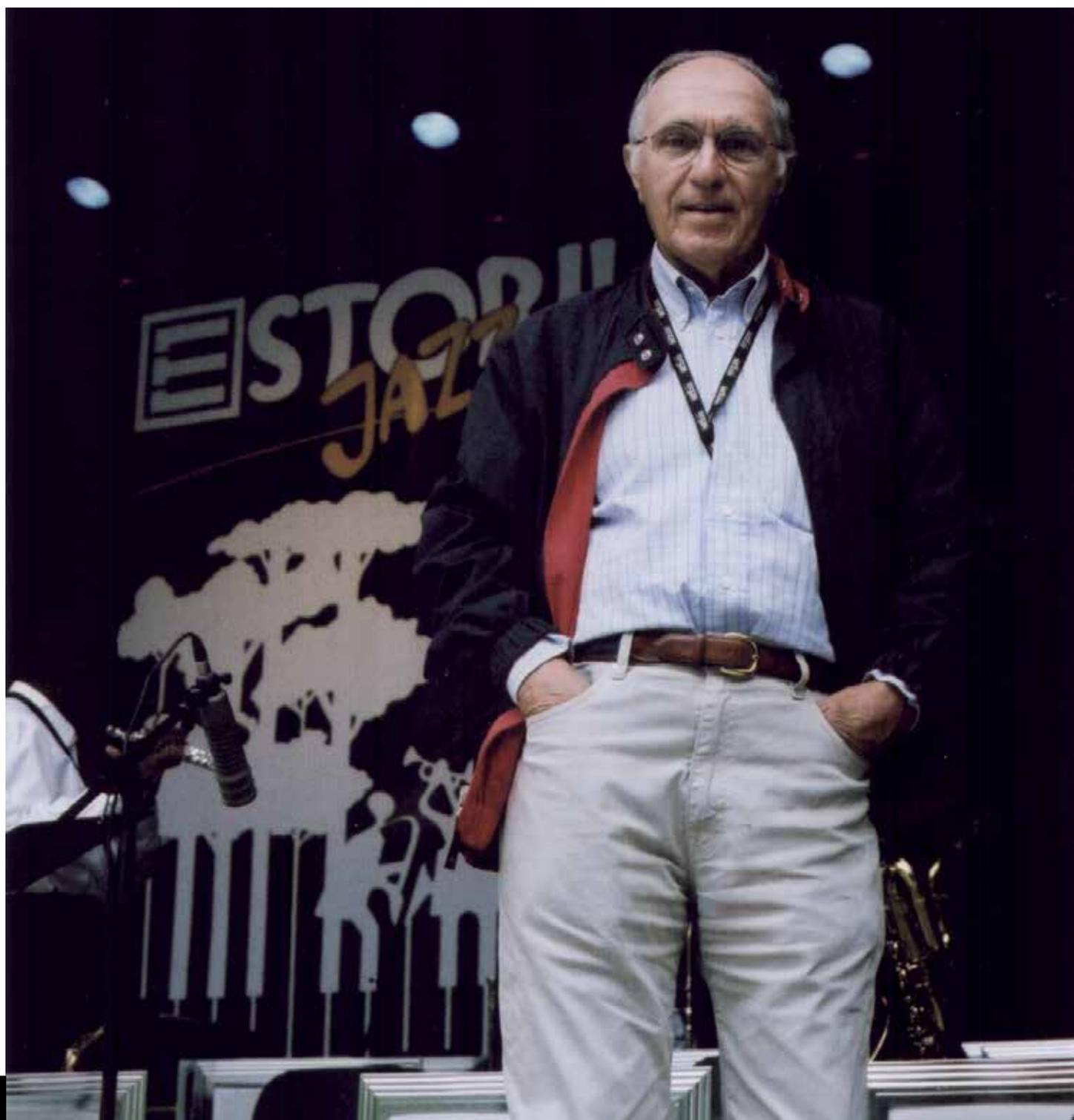
9



10

# CASCAIS JAZZ - 50 ANOS

# DUARTE MENDONÇA (1931-2021)



# UM EMBAIXADOR DO JAZZ EM PORTUGAL

João Moreira dos Santos

**Natural de Lisboa, onde nasceu a 5 de fevereiro de 1931, no seio de uma família oriunda de Olhão e sem qualquer tradição na música, Duarte Mendonça começou a interessar-se pelo jazz aos quinze anos.**

Inicialmente, foi seduzido pelas orquestras de Glenn Miller e Harry James e, logo depois, pelas *big bands* de Stan Kenton, Count Basie, Tommy Dorsey e Duke Ellington. O contacto com essas formações e também com os mestres do *boogie woogie*, estilo que dançava com a irmã, realizava-se através das produções cinematográficas de Hollywood que chegavam às salas de cinema nacionais, das estações de rádio American Forces Network e Voice of America, e do programa *Hot Club*, que Luís Villas-Boas criara em 1945.

Posteriormente, surgiu a paixão pelos discos, suporte áudio que viria a colecionar avidamente ao longo de 75 anos, tendo reunido mais de 15 000 exemplares de diferentes formatos. No princípio, o conhecimento das novas edições chegava-lhe através da secção sobre jazz que Leonard Feather mantinha, em meados da década de 1940, na revista *Modern Screen*. Face à escassa oferta nacional, encomendava os discos de Inglaterra ou dos EUA, recorrendo a familiares e amigos, nomeadamente a Gérard Castello Lopes. Este último não só o expôs ao estilo *bebop*, através de George Shearing e Charlie Parker, que seriam sempre as suas referências, como o ajudou a assinar, em 1946, a revista *Downbeat*. Ainda mais relevante, apresentou-o a Villas-Boas e ao Hot Clube de Portugal (HCP), instituição que Duarte Mendonça começara a frequentar nos anos 1950, mas de que se fez sócio apenas em 1960, tendo como proponente o amigo José Luís Tinoco. Os seus discos animaram, aliás, inúmeras sessões de audição de jazz realizadas no HCP durante a década de 1960, período em que gravou também diversas *jam-sessions* ali efectuadas.

Em 1952, já a residir em Cascais, assistiu na discoteca Palm Beach – onde ouvira discos de 78 rpm com o amigo Jorge Costa Pinto – ao seu primeiro concerto de jazz, evento protagonizado pelo saxofonista norte-americano George Johnson. O espetáculo mais marcante da sua vida, esse, teve lugar no Festival de Jazz de Antibes, ao qual se deslocou em 1963. Ali, juntamente com Manuel Jorge Veloso, presenciou a estreia europeia do novo e fenomenal quinteto de Miles Davis, eternizada no álbum *Miles Davis In Europe* (Columbia, 1964). Na passagem por Paris, pôde ainda ouvir ao vivo um dos seus ídolos, o pianista Bud Powell.

Apaixonado pelo mundo automóvel, iniciou a carreira profissional na SOREL/General Motors, e na Ford Lusitana. Na década de 1960, trabalhou na Valentim de Carvalho, onde foi responsável pela secção dos electrodomésticos Nilfisk, novamente na Ford Lusitana e, depois, na firma Azevedo e Silva e na venda de terrenos da Aroeira. No princípio de 1974, desempregado, viu-se convidado por Villas-Boas a colaborar no Cascais Jazz, para o que

**(...) FACE À ESCASSA OFERTA NACIONAL, ENCOMENDAVA OS DISCOS DE INGLATERRA OU DOS EUA, RECORRENDO A FAMILIARES E AMIGOS, NOMEADAMENTE A GÉRARD CASTELLO LOPES. ESTE ÚLTIMO NÃO SÓ O EXPÔS AO ESTILO BEBOP, ATRAVÉS DE GEORGE SHEARING E CHARLIE PARKER, QUE SERIAM SEMPRE AS SUAS REFERÊNCIAS, COMO O AJUDOU A ASSINAR, EM 1946, A REVISTA DOWNBEAT. (...)**



contribuiu a circunstância de ter dado provas como tesoureiro do HCP. Iniciou-se assim uma parceria que permaneceu inalterada até 1988. Juntos, produziram vários festivais em diversos concelhos (Figueira da Foz, Espinho, Algarve, Cascais e Lisboa) e também grandes concertos, nomeadamente com Bill Evans e Eddie Gomez (1975), Art Blakey e os Jazz Messengers (1979), Horace Silver (1980), Stan Getz e Sonny Stitt (1981), Dexter Gordon (1982) e Gary Burton (1983).

Em 1982, esteve na origem do festival Jazz Num Dia de Verão e em 1990, já desfeita a parceria com Villas-Boas, fundou o Galp Jazz (1990-2004) e, mais importante, o Estoril Jazz (1990-2015), um dos festivais de jazz mais emblemáticos do país. Ainda em 1990, criou os Cursos Internacionais Projazz, a primeira grande iniciativa pedagógica realizada em Portugal na área do jazz. Através desses cursos, que tiveram uma segunda edição em 1991, inúmeros músicos portugueses, incluindo o jovem Bernardo Sassetti, puderam aprender e trocar experiências com gigantes do jazz como Clark Terry, Terence Blanchard, Bobby Watson, Roland Hanna, Kenny Burrell, Barney Kessel, Rufus Reid, Reggie Workman e Alan Dawson.

Da sua atividade como produtor, auxiliada indelevelmente pela mulher (Mariazinha Mendonça), pelos filhos (Diogo, Alexandre e Duarte) e pelos enteados (Pedro e João), fazem ainda parte os festivais Women in Jazz (1996 e 1997) e Allgarve Jazz (2008 e 2009), que coproduziu com o signatário. Este último evento trouxe a Portugal músicos como Herbie Hancock, Chick Corea, Gary Burton, Dee Dee Bridgewater e Freddy Cole.

Duarte Mendonça desenvolveu igualmente várias coproduções, nomeadamente com o Centro Cultural de Belém e a Culturgest, salas nas quais apresentou músicos e grupos como Sonny Rollins (1993), Modern Jazz Quartet (1995), Dave Brubeck (1997), Frank Sinatra Jr. (1997), Lincoln Center Jazz Orchestra com Wynton Marsalis (1998) e Keith Jarrett (2006). Para o Casino Estoril, agenciou muitos dos grandes nomes do jazz, e não só, que ali actuaram a partir da década de 1980, nomeadamente The Manhattan Transfer (1989), Michel Legrand (1990), George Benson (1990), Tony Bennett (1998) e Paul Anka (2006).

Ao longo de mais de 40 anos de actividade como produtor — desenvolvida sempre por paixão e sob o mantra da contratação de “jazz

dos EUA, que é onde está a raiz de tudo, e, se possível, que dê para as pessoas marcarem o ritmo com o pé” — foi responsável por diversas estreias em território nacional. Destacaram-se, entre muitos outros, Red Rodney, Marcus Roberts, Barney Kessel, Terence Blanchard, Sheila Jordan, Lionel Hampton, Ahmad Jamal, Joshua Redman, Brad Mehldau, George Shearing, Diana Krall, Mulgrew Miller, Jon Hendricks e Dianne Reeves. Por sua iniciativa, atuaram também em Portugal cerca de 25 big bands estrangeiras, incluindo as de Gil Evans, Thad Jones/Mel Lewis, Count Basie, Woody Herman, Bill Holman e Dave Holland.

A síntese do seu mandato como embaixador do jazz, particularmente na produção de concertos, foi bem estabelecida pelo próprio quando, em 2004, no livro *Duarte Mendonça: 30 Anos de Jazz em Portugal*, afirmou frontalmente, como era seu timbre: “acho que dei bastante e só não dei mais porque o jazz teve até há poucos anos uma expressão reduzida nos media e no público. Tenho lutado muito por isto e sobretudo tenho afrontado ideias altamente discutíveis e sectárias de pessoas na área do poder que decidem, a seu belo prazer e sem critérios objectivos, os montantes a atribuir a projectos culturais”.

A verdadeira cruzada que travou pelo jazz, que considerava “a melhor música do mundo”, levou-o ainda à televisão. Na RTP, sempre em parceria com Luís Villas-Boas, foi autor de três programas, todos emitidos na década de 1980: *Jazz Magazine*, *Clube de Jazz* e *Jazz para Todos*.

Ao nível discográfico, produziu apenas um álbum. Intitulado *Just Friends/ Entre Amigos* (Timeless, 1992), teve como protagonista Maria Viana, mãe do seu terceiro filho.

Em reconhecimento do papel que desempenhou na promoção do jazz em Cascais, a autarquia local distinguiu-o em 1996 com a Medalha Municipal de Mérito Cultural. Seguiu-se, em 2004, a Medalha de Mérito Cultural, atribuída pelo Ministério da Cultura. Quando do seu falecimento, ocorrido no dia 13 de agosto de 2021, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, fez notar que “a história do jazz em Portugal é também a história dos seus divulgadores, entre os quais se destacou Duarte Mendonça”.

**— ACHO QUE DEI BASTANTE E SÓ NÃO DEI MAIS PORQUE O JAZZ TEVE ATÉ HÁ POUCOS ANOS UMA EXPRESSÃO REDUZIDA NOS MEDIA E NO PÚBLICO. TENHO LUTADO MUITO POR ISTO E SOBRETUDO TENHO AFRONTADO IDEIAS ALTAMENTE DISCUTÍVEIS E SECTÁRIAS DE PESSOAS NA ÁREA DO PODER QUE DECIDEM, A SEU BELO PRAZER E SEM CRITÉRIOS OBJECTIVOS, OS MONTANTES A ATRIBUIR A PROJECTOS CULTURAIS. DUARTE MENDONÇA**

# CIRCUITO

Inês Homem Cunha

**Um dos factos relevantes de 2021 foi a decisão do Hot de aderir à Associação Circuito. Uma plataforma que reúne salas de programação própria de pequena dimensão e que pretende chamar a atenção para a especificidade destas salas, para a sua importância no tecido cultural da cidade e para as dificuldades que, tendo uma dimensão reduzida, foram (e continuam a ser) acrescidas nas circunstâncias actuais da pandemia.**

A Circuito conseguiu que a Câmara Municipal de Lisboa atribuisse um valor para apoiar a programação de cada uma das salas associadas da Circuito, com o intuito de as manter em funcionamento uma vez que, dadas as restrições sanitárias impostas, não podiam funcionar, como era hábito, com base nas receitas da bilheteira própria.

Assim, em Maio de 2021, (e posteriormente em Novembro mas, já com outras condições), o Hot Clube pôde realizar um **Ciclo de Concertos** cujos cachets foram suportados por esta subvenção.

Nessa altura decidimos que, para o destacar da programação regular do Clube, esse Ciclo deveria ter características diferentes do habitual.

A ideia foi também envolver outros agentes do panorama do jazz português – programadores, críticos, professores – igualmente atingidos na sua actividade profissional pela pandemia.

Assim, desafiámos 10 duplas de programadores/músicos, escolhidos por nós, a criarem projectos específicos para este ciclo. Deste desafio de colaboração – que algumas dessas “cumplicidades” aceitaram, inevitavelmente, com mais entusiasmo e envolvimento do que outras – nasceram projectos únicos, na forma como foram pensados, no seu tema, na sua inspiração, na constituição da sua formação.

As limitações foram mesmo assim muitas, nomeadamente em termos da dimensão dos grupos de músicos, sendo que, devido ao tamanho do palco do Hot, estavam limitados a três elementos. Ao mesmo tempo, tocar para um Hot com 20% da sua lotação habitual também constitui uma dura prova.

Lamentamos que alguns destes projectos tenham nascido e morrido neste ciclo. Esperamos que outros tenham ganho asas e sejam replicados noutras salas, contextos e formato, para um público mais alargado. Facto é que alguns deles andam aí.

## **Ciclo Circuito Maio de 2021**

### **Artista — Programador:**

Pedro Felgar Trio — Luís Hilário

Ricardo Toscano Trio — Paulo Gil

Feodor Bivol Trio — Paulo Barbosa

Beatriz Nunes Trio — Pedro Costa

Zé Eduardo Trio — António Curvelo

Óscar Graça Trio — Leonel Santos

Joana Machado Trio — Eng. Bernardo Moreira

Bruno Santos Trio — Cristina Marvão

Demian Cabaud Trio — Rui Rodrigues

Gonçalo Marques Trio — Miguel Cunha

**— TODOS OS CONCERTOS FORAM TRANSMITIDOS ONLINE ATRAVÉS DO FACEBOOK DO HOT CLUBE E PODEM SER REVISTOS NESTA PLATAFORMA.**

# NOTÍCIAS

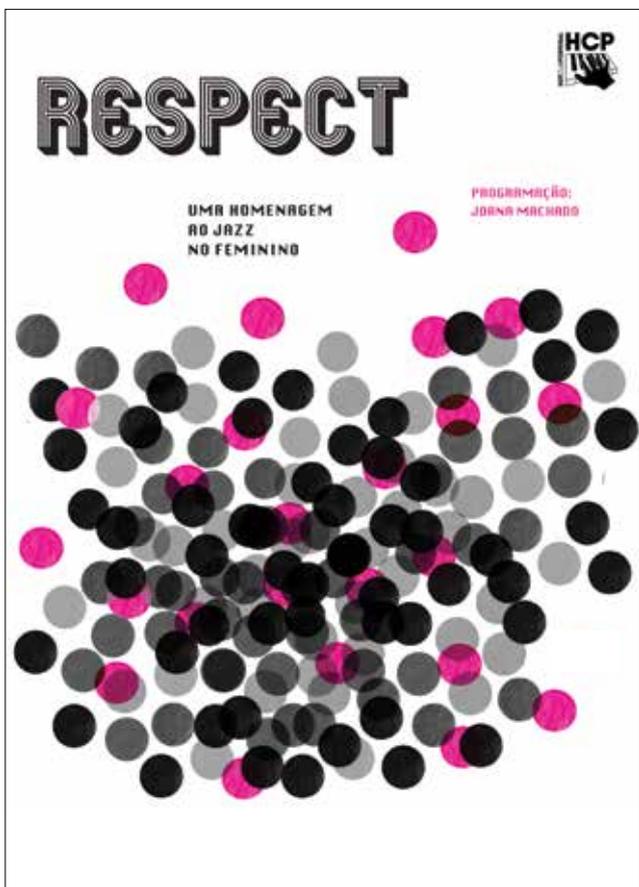
## RESPECT

**Aconteceu em novembro pelo segundo ano consecutivo, o Ciclo Respect, programado por Joana Machado.**

Este Ciclo não é um ciclo de mulheres. É uma ideia que pretende chamar a atenção para o jazz feito por mulheres, composto, interpretado, reinventado. Porque a representatividade das mulheres no jazz, como em muitíssimas outras áreas da cultura e da vida em sociedade, só recentemente começou a ser assunto.

Porque, sem querermos, ainda não nos libertámos de ideias pré-concebidas que são as mesmas que nos fazem olhar para a cultura como um ambiente igualitário e promotor das diferenças, mas que durante muitos anos, no outro extremo, não fomentaram um ensino e uma prática que desse às mulheres hipóteses de mostrar o que valem. De futuro, a consciência desta questão irá aos poucos resultar num equilíbrio justo.

O Hot quer participar activamente nessa mudança.



CARTAZES © MARIA BOUZA

## O JAZZ E A BD

**ATÉ MARÇO 2022 — HOT CLUBE**

**A exposição é uma mostra desta relação afortunada da BD com o Jazz: mais de 30 autores que de alguma forma fizeram do Jazz tema. E vale a pena dizer que, se entre eles estão alguns dos mais singulares e geniais autores de Banda Desenhada de sempre, o Jazz verdadeiramente inspirou-os.**

In catálogo da Exposição "O Jazz e a BD" de Leonel Santos

A exposição que esteve patente no Hot Clube nos últimos 3 meses é mais um exemplo da dinâmica que envolve o clube. A proposta foi-nos feita pelo Leonel Santos há pelo menos dois anos.

Os vários percalços "covidicos" implicaram o seu adiamento mas o Leonel não desistiu e em Setembro a exposição abriu.

Uma vez que estes meses foram de pouco público e consequentemente de pouca visibilidade para esta iniciativa, decidimos prolongar o "Jazz e a BD" até finais de março. No Hot Clube, na sala do 1º andar, a partir das 22h.



# BILHETE DE IDENTIDADE

## PARCERIA SMOOTH FM / HOT CLUBE

O “Espaço Hot Clube na Smooth FM” resulta de uma parceria que nos foi proposta por esta rádio.

A nova rúbrica da Smooth, iniciada no passado mês de dezembro de 2021, tem como objectivo promover e divulgar a agenda semanal do HCP, não só concertos mas, também, *workshops*, exposições, ciclos, enfim, todas as actividades que estiverem associadas ao clube e à escola. Toda a divulgação é bem-vinda e, a verdade, é que a Smooth FM tem uma audiência que também agradece esta informação.

A rúbrica será transmitida semanalmente e é apresentada por Gonçalo Câmara. Vai para o ar sempre às quintas-feiras, às 8h00, com repetição, no mesmo dia, às 17h00 e às 19h00. Repete ainda às sextas-feiras, às 9h00, 18h00 e 20h00. Terá destaque no site da rádio, com a informação mais importante da semana e o respetivo áudio.

## ORQUESTRA DE JAZZ DO HOT CLUBE ESTREIA ENSAIO DE ORQUESTRA

4 E 5 MARÇO — TEATRO NO CCB

A orquestra do Hot Clube vai estrear uma adaptação para teatro do filme *Ensaio de Orquestra*, de Federico Fellini.

A encenação está a cargo de Tónan Quito e a música foi escrita por Filipe Melo. A representar estará o próprio Tónan Quito, o António Fonseca, a Ana Brandão, a Crista Alfaiate e os músicos da orquestra de Jazz HCP (António Quintino, António Morais, Bernardo Tinoco, Eduardo Lála, Eugénia Contente, Gonçalo Marques, Jéssica Pina, João Capinha, José Soares, Luís Cunha, Margarida Campelo, Paulo Gaspar, Pedro Felgar, Ricardo Sousa, Rui Bandeira, Rui Ferreira e Tomás Marques). A produção é do HomemBala em coprodução com o CCB.

As primeiras apresentações estão marcadas para os próximos dias 4 e 5 de Março, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém — dia 4 às 21h00 e dia 5, às 19h00.

*Para o próprio Fellini, Ensaio de Orquestra «É uma parábola ética para provocar uma certa vergonha no povo, para mostrar que a loucura desorganizada das pessoas pode provocar a loucura organizada do Estado, a ditadura.» Com este mote, interessa-nos também perceber onde está a liberdade do músico de jazz. Onde está a liberdade coletiva e individual?*

— excerto de texto in página do espectáculo no site do CCB (ccb.pt)

**NOME: DAVID GAUSDEN**

**DATA DE NASCIMENTO: 25.05.1952**

**SÓCIO DO HOT DESDE 31.03.1984**

**PROFISSÃO: MÚSICO, PEDAGOGO**

**INSTRUMENTO: CONTRABAIXO**

David Gausden participou em discos do Sérgio Godinho e do Zeca Afonso entre 1982 e 1985. Em 2010 foi diagnosticado com Parkinson e retirou-se definitivamente para os E.U.A.

Faleceu a 30 de Janeiro de 2020, com 67 anos, em Wilsner, Nebraska.

**SÉRGIO PELÁGIO**

“... na altura, o Hot Clube era o David. Ele dava aulas na escola do Clube durante o dia e à noite tocava com toda a gente que por lá passava. Para além da sua extrema generosidade e humildade, o David tinha sempre tempo para nós, para esclarecer dúvidas, para apoiar os nossos projectos... Ele percebeu o país que encontrou e fez o que era mais importante fazer: estimular toda a gente, fosse qual fosse o seu background musical, talento ou dedicação.”

**RUI MARTINS**

“Ficaram conhecidas as épicas chegadas das visitas aos pais nos EUA com uma mala para si próprio e mais três para o Hot, com livros, cassetes, manuais e discos do Abersold ainda em vinil...”

“Foi com base nesse trabalho do David Gausden que a Escola, a partir do período em que a dirigiu, partiu para outro patamar de qualidade, profundidade e estabilização do programa pedagógico.”

**MÁRIO FRANCO**

“David Gausden foi meu professor e amigo, um verdadeiro “abre latas de mentes”! Uma abordagem mais livre, mas sempre com o objectivo no som que sai do instrumento e a importância que isso tem na nossa identidade musical”.

(Depoimentos retirados do artigo “David Gausden - Um lugar no Jazz português”, publicado na **HotNews I I** disponível online no site do Hot ([www.hcp.pt](http://www.hcp.pt)) e de <https://soundnuggets.wordpress.com/2020/02/29/remembering-david-gausden/>)

<b>HCP</b>	<b>HOT CLUBE DE PORTUGAL</b>	1813	
	LISBOA		
Registo do Cartão de Identidade N.º 360			
Nome	David Gausden	Sócio	Am
Residência	Rua de Vespertino, R. Poçupim, 112-6-1200 Telefone 544320		
Local onde cobrar as cotas	Hot Clube	Telefone	
Natural de	USA	B. I. N.º	30327
Profissão	Músico, professor	Data do nascimento	25/5/52
Toca algum instrumento?	contrabaixo	Faz parte de alguma orquestra?	sim
Aprovado em sessão de Direcção de	31/3/84	Sócio proponente n.º	56
Observações	R. Luciano Coelho, 36-3º 1100 Lx		

# JAZZ E OUTRAS MÚSICAS

Bruno Santos

16

A escola do Hot Clube é uma escola de jazz pura e dura, no sentido e medida em que estuda, analisa, mostra e explora a história, repertório e tópicos directamente associados a esta música. Desde os clássicos que emergiram de filmes ou peças da Broadway para alimentar a veia criativa dos músicos de jazz até ao *bebop*, *hardbop*, *free*, fusão, as mil e umas variações que são mais ou menos conhecidas e reconhecidas.

Apesar da especificidade desta linguagem, os tiques e trejeitos comuns a quem ouve, estuda e se expressa nesta língua universal, é notório, diria até consensual, que hoje em dia há um esbatimento das fronteiras estilísticas. Faz sentido que assim seja? Acho que sim. Ainda que me pareça que os sotaques não se devem perder. Falo como madeirense que deixou fugir um pouco dos tiques ilhéus, fruto do contacto com outros sons mas a essência e o som original, ainda lá estão.

A partilha de linguagens, conhecimentos e perspectivas, enriquece. Soma e não subtrai. Isso não invalida que nos mantenhamos — a escola — fiel à nossa premissa inicial e estatutária de divulgar esta música, com pouco mais de 100 anos, sendo claro que há um século não havia tanta variedade e formas de expressão musical. Não havia *rock*, por exemplo. A música para dançar era tocada pelas orquestras de jazz, hoje nas discotecas e locais adequados para dançar não é bem assim. E os artistas *pop*, os populares, com *likes* e seguidores de carne e osso, verdadeiros e reais, eram os que provinham dessa sonoridade, da música popular americana. Eram os famosos da altura.

Além desta muito pessoal e simplista dissertação, aberta a discussão, do que se passa hoje em dia, a pandemia veio também agudizar uma necessidade emergente e premente para todos os músicos, em particular, os músicos de jazz. Na grande maioria, além de criar música, há que fazer todo o restante trabalho envolvente. Sem contar com as horas de prática, de estudo, exploração, audição, etc, que fazem parte do pacote de um músico profissional. Comunicar, contactar programadores, marcar salas de ensaio, contactar *designer* e gráfica, por exemplo, é outro lado menos visível para quem nos vê e ouve. São 7, 70 ofícios.

Os músicos precisam de ferramentas extra para responder aos novos tempos. As redes sociais são campos de batalha, acessíveis a tudo e todos, sem grandes filtros de qualidade e quantidade. Tudo passa a uma velocidade estonteante, exige-se apenas 10 segundos de atenção para seguir as histórias do *Instagram*, as fotos que aparecem no topo de um *feed* de uma qualquer página *facebook* mas que ao fim de 5 segundos dão lugar a outras. Tudo passa, nada ou pouco fica. Comunicar com impacto e intensidade é quase uma obrigação. Gravar e editar a partir de casa, hoje em dia, já é quase assumido como uma certeza e tornou-se uma ferramenta preciosa para fintar a pandemia. A mim já me chegava a difícil tarefa de ter que trocar de cordas de vez em quando. Lidar com todas estas novidades não deixa de ser um desafio aliciante e alucinante. Para mim foi o lado bom desta loucura em que mergulhámos há quase 2 anos.

Olhando para tudo isto e com o sentimento de que uma das minhas obrigações enquanto director pedagógico é não olhar para o lado e fingir que nada mudou, senti-me na obrigação de repensar o (per)curso feito pelos alunos na nossa escola, sem desvirtuar aquilo que somos

na nossa essência. Que é também o que nos distingue e define. Olhar para aquilo que chamamos o **curso regular do Hot** – perdoem-me os senhores que possuem o poder cósmico de validar os cursos como oficiais ou não – e moldá-lo sem o quebrar.

Decidi então avançar para uma vertente alternativa, disponível, por agora, apenas para os nossos alunos finalistas. Quando chegam ao último ano podem optar por um outro caminho, com disciplinas que lhes darão ferramentas iniciais para responder às novas necessidades (foto, vídeo, comunicação, gravação, mistura, edição, *songwriting*, história da música ou de outras músicas).

Chamei a esta nova vertente, “**outras músicas**”. Para isso, convidei algumas pessoas que por cá já passaram e dominam tais ferramentas; outros que por cá andam; e outros que à partida, e num passado recente, nunca imaginei que fossem fazer sentido na escola do Hot. Estas são as novas disciplinas:

- Introdução à comunicação e produção visual
- Noções básicas de som e estúdio
- Noções básicas de *songwriting*
- Música do séc. XX e XXI

A Mariana Botelho Santos e o David Cachopo estão encarregues da imagem e comunicação; o Luís Candeias e o Miguel Barrosa dissertam sobre som e estúdio; a Joana Espadinha e o João Firmino ajudam a compor e vestir canções, o Mário Delgado e o Daniel Bernardes mostram e falam sobre música que se fez e ouviu nos últimos cento e poucos anos: irmãos, sobrinhos, tios ou amigos do jazz, como a música erudita, *rock*, *pop*, etc.

É o 1º ano desta variante, houve pouca gente a inscrever-se, mas há muita curiosidade e burburinho. No futuro serão mais os candidatos. Não tenho dúvidas.

Uma das boas novidades para este próximo ano e em virtude do aparecimento destas novas disciplinas, que acarretam investimento: conseguimos finalmente ter o nosso estúdio de gravação. Com uma dezena de microfones, algum *software*, uma obra na nossa sala 8 para criar uma *régie*, ficámos com um espaço que nos dá mil possibilidades. Gravar ensaios, gravar recitais de finalistas, gravar maquetes de alunos e professores, gravar discos para a *label* do Hot, etc. Sonhava com essa possibilidade desde o 1º dia em que assumi a direcção pedagógica da escola. Ao fim de 13 anos, cá está. Nem é tarde, nem é cedo. Foi possível agora e está feito em tempo recorde.

De resto, vamos indo. Não nos podemos queixar. A escola acabou assim por passar pelos pingos da chuva. Com arte, engenho, entrega brutal de todos os que cá trabalham, mas também fruto de algumas coisas que não conseguimos controlar ou sequer perceber. Já tinha sido assim em anos de crise. E já aconteceu estarmos convencidos que vinha aí um ano bom e de repente, deu-se o oposto. O medo deu lugar à esperança. E a esperança fez-nos olhar para o futuro com optimismo.

**Um ano de cada vez, um semestre de cada vez, um mês de cada vez, um dia de cada vez. Quem está nesta música sabe que é assim. Objectivos e metas curtas, sem perder de vista as mais longas. A escola do Hot está viva e activa.**

# UMA TESTEMUNHA ACTIVA DA(S) HISTÓRIA(S) DA ESCOLA LUIZ VILLAS-BOAS

**A Bárbara Santos começou a trabalhar no Hot quando a sede e a Escola ainda funcionavam na Praça da Alegria. É a funcionária mais antiga do Hot Clube e acompanhou as várias mudanças que transformaram a Escola no que ela é hoje em dia. Recentemente assumiu a função de Directora Administrativa da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas. Um percurso que HotNews quis ouvir em directo.**



**HOTNEWS [HN] Como e quando é que começaste a trabalhar no Hot e o que fazias?**

**BÁRBARA SANTOS [BS]** Comecei a trabalhar no Hot em Outubro de 1994. Na altura soube, por um aluno, que uma funcionária estava a pensar deixar de trabalhar na Escola. O director pedagógico era o Pedro Moreira. Fui a uma entrevista com o Eng. Bernardo Moreira, que era o Presidente do Hot, para me candidatar ao lugar (em Julho de 94), que me disse que ia pensar no assunto. Em Setembro resolvi insistir e acabando por “ceder” contratou-me mas para tratar da contabilidade (eu tinha alguma formação na área e a frequência do 3º ano do curso de Gestão).

Em Outubro comecei a trabalhar na Escola. Pouco tempo depois também comecei a colaborar com as *Big Bands* que funcionavam na altura: a *Big Band* do Hot (profissional) e uma *Big Band* de alunos e sócios. Fazia o secretariado das orquestras e acompanhava-as quando iam tocar fora. Mantive essa colaboração até 2001. Mais ou menos um ano depois “saltei” para a secretaria da Escola onde fiquei até agora (nunca gostei de trabalhar em contabilidade e afins...).

**[HN] Como funcionava a Escola do Hot nessa altura?**

**[BS]** A Escola funcionava na Praça da Alegria no prédio do antigo clube, e, portanto, tinha umas instalações “peculiares”, uma vez que funcionava em 3 andares diferentes.

Por exemplo, por vezes os acessos a umas salas eram através de outras, mesmo que estivessem aulas a decorrer... mas eram outros tempos, e a situação acabava por ser encarada com normalidade.

Como tinha muita madeira era muito aconchegante e as salas eram idênticas às salas das casas normais, pelo que tínhamos a sensação de estar numa “casa de música”...

Também tínhamos a grande vantagem de estarmos no mesmo prédio do clube e isso tornava a ligação entre os dois natural e diária.

Havia aulas que decorriam no clube e o mesmo acontecia com os ensaios das *big bands*. Também havia um grande contacto com os músicos que iam tocar no clube, pois muitas vezes estes subiam ao edifício da Escola, por variadíssimas razões como, por exemplo, para deixar a chave quando iam comer alguma coisa, ou então para ficar à espera da pessoa que viesse abrir o clube para o ensaio de som.

Estamos a tentar recuperar essa ligação que, com a mudança para Alcântara, se perdeu em grande parte.

A Escola tinha em média 70/80 alunos, de vários instrumentos, e funcionava por trimestres. Ou seja, todos os alunos se inscreviam e tinham notas de 3 em 3 meses. Era uma roda-viva!

Já na altura os guitarristas eram a grande maioria, seguindo-se os pianistas e as cantoras. Excepto em 1995, após a primeira edição do programa “Chuva de Estrelas”, em que tivemos mais de 80 candidaturas para voz...

O ambiente era muito descontraído e as aulas eram muito “informais”. Na verdade, esse ambiente descontraído nunca se perdeu e ainda hoje se sente essa descontração na escola.

### **[HN] A mudança da Escola para Alcântara, em 1996, provocou grandes alterações?**

**[BS]** A mudança para Alcântara foi um “choque”, por todos os motivos: mudámos no espaço de uma semana, com o início das aulas em atraso, pois não tínhamos começado o trimestre por problemas no edifício da Praça da Alegria; não tínhamos telefone na secretaria da Escola (impensável nos dias de hoje!) e, quando precisávamos de falar com a Praça da Alegria – onde ainda tinha ficado parte dos processos administrativos da Escola e do clube – tínhamos de ir a uma cabine de telefone pública, que estava instalada no 3º andar do edifício, na parte em que funcionava a Orquestra Metropolitana de Lisboa, e colocar moedinhas para podermos dar os recados e receber as instruções necessárias para o funcionamento. E as instalações?! Eram muito maiores do que tínhamos antes, com salas enormes. Tudo em cimento!!! Com poucas condições, principalmente em termos acústicos.

Mas tudo se ultrapassou e, neste momento, com as várias melhorias que fomos fazendo ao longo dos anos, as condições – ainda que não sendo as ideais – estão muito, mas muito melhores do que tínhamos naquela altura.

Eu continuei na secretaria, até agora, tentando adaptar os nossos processos administrativos ao crescimento da Escola, especialmente a partir de 2009, quando houve um grande impulso na sua dinamização. Depois de 2009, abrimos mais dois cursos, para além do curso regular (o nosso curso mais “importante”) e o curso livre, que foram o Atelier de Iniciação ao Jazz (um curso para crianças dos 10 aos 14 anos) e a Oficina de Introdução ao Jazz (um curso nocturno). Aumentámos as actividades extracurriculares (cursos de verão regulares, mais *workshops* e *masterclasses*), alterámos o programa do curso regular para o tornar mais apelativo e criámos várias outras actividades regulares.

Neste momento encontramos-nos com mais de 300 alunos, quase no nosso limite devido à falta de espaço físico para podermos continuar a crescer.

### **[HN] Quais são as tuas novas funções como Directora Administrativa da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas? O que é que mudou?**

**[BS]** As minhas novas funções são uma variante daquilo que eu já fazia, claro que com um grande aumento de responsabilidade. Essa foi a grande mudança. Passei a ter a responsabilidade de “pensar”! Das minhas antigas funções, mantive a parte da responsabilidade de organizar/programar/controlar tudo o que não seja pedagógico, dentro do decorrer do ano lectivo, como por exemplo os *dossiers* informativos, os horários, os calendários, os registos dos alunos e professores e o funcionamento das aulas em geral. A estas funções, acresceu a responsabilidade pelo restante funcionamento da Escola – instalações, actividades extras aulas ou estudo de alterações administrativas. Neste momento, por exemplo, acho que se deve começar a estudar uma alteração ao estatuto da Escola, eventualmente, no sentido de uma certificação. Também temos de pensar como aumentar o número de parcerias que a Escola poderá ter com outras instituições.

### **[HN] Como é que imaginas a Escola daqui a 10 anos?**

**[BS]** É difícil responder... Acho que estamos num momento crucial, como que numa encruzilhada. A Escola cresceu muito e, nos últimos anos, estabilizou. Mas eu acho que precisamos de continuar a crescer. Seja em termos de aumento do número de alunos, com novos cursos

ou vertentes, seja a nível de espaço o que implica ampliarmos as nossas instalações (o que não é fácil!). Uma possível certificação poderá ajudar a esse crescimento.

Para daqui a 10 anos, o que eu desejo, é que a Escola tenha crescido como eu acho que tem todas as possibilidades para o fazer; mas principalmente que consiga continuar a “lançar” novos músicos (com muito talento) para o mundo do jazz, como vi acontecer nestes 28 anos de trabalho nesta instituição.

Em conclusão: a Escola do Hot viu-me crescer e acompanhou quase toda a minha vida adulta, com todos os seus altos e baixos. É a minha Casa do coração.

**(...) A ESCOLA FUNCIONAVA NA PRAÇA DA ALEGRIA NO PRÉDIO DO ANTIGO CLUBE, E, PORTANTO, TINHA UMAS INSTALAÇÕES “PECULIARES”, UMA VEZ QUE FUNCIONAVA EM 3 ANDARES DIFERENTES. POR EXEMPLO, POR VEZES OS ACESSOS A UMAS SALAS ERAM ATRAVÉS DE OUTRAS, MESMO QUE ESTIVESSEM AULAS A DECORRER... MAS ERAM OUTROS TEMPOS, E A SITUAÇÃO ACABAVA POR SER ENCARADA COM NORMALIDADE.**

**(...) PARA DAQUI A 10 ANOS, O QUE EU DESEJO, É QUE A ESCOLA TENHA CRESCIDO COMO EU ACHO QUE TEM TODAS AS POSSIBILIDADES PARA O FAZER. MAS, PRINCIPALMENTE, QUE CONSIGA CONTINUAR A “LANÇAR” NOVOS MÚSICOS (COM MUITO TALENTO) PARA O MUNDO DO JAZZ, COMO VI ACONTECER NESTES 28 ANOS DE TRABALHO NESTA INSTITUIÇÃO.**

# VOICE LEADING APLICAÇÕES À IMPROVISAÇÃO

Nuno Ferreira

Eis algumas definições de *Voice Leading* (V.L.) que pode ser traduzido como “condução melódica” ou “condução de vozes”:

- A progressão das partes individuais ou vozes numa composição vocal ou instrumental.
- Voice leading é o termo usado para descrever o aspecto linear da escrita musical. As linhas melódicas individuais (chamadas vozes) que formam uma composição interagem criando harmonia.
- Voice leading é o movimento fluido (ou suave) das notas (ou vozes) de um acorde para o próximo...
- A arte de ligar acorde a acorde da forma mais fluida possível.

Este artigo sugere algumas formas de utilizar estes movimentos de vozes para criar variadas frases melódicas e expandir o vocabulário melódico do improvisador, compositor ou arranjador.

## I. Características do voice leading

**TAXA** – refere-se à quantidade de notas por acorde da progressão, sendo que o mais simples e comum é uma taxa de uma nota por acorde (poderiam ser duas notas por acorde ou em certos casos, quando existem notas comuns, uma nota para cada dois ou mais acordes). Um bom exemplo de uma taxa de 2 notas por acorde é o primeiro compasso do tema *Prelude to a Kiss* de **Duke Ellington**.

### RELAÇÃO COM OS ACORDES

- ESTRUTURAL: pertence à estrutura básica dos acordes (T, 3, 5, 7) (ex: 1a, 1b)
- EXTENSÃO: composto por extensões dos acordes (ex: 2a, 2b)
- MISTO: mistura de notas estruturais e extensões (ex: 3a, 3b, 3c)

É também possível utilizar notas “não-harmónicas” (dissonantes relativamente ao acorde) num V.L., implicando uma substituição harmónica ou um cromatismo, suspensão, retardo, etc. (exemplo: 4)

O *voice leading* estrutural permite-nos definir a harmonia e o uso de extensões permite criar diferentes “cores” e mais tensão. Devemos compreender a função de cada tipo de V.L. e ser equilibrados na sua aplicação.

### RELAÇÃO COM A DIRECÇÃO DA PROGRESSÃO:

- NATURAL: segue a mesma direcção que a progressão. (exemplo: 1a e 2a)
- ARTIFICIAL: tem uma direcção contrária à progressão. (exemplo: 1b, 2b, 3a, 3b)
- ESTÁTICO: utiliza um pedal ou nota comum aos acordes (estrutural ou extensão) (exemplo: 3c)

A maioria das progressões tende a mudar de direcção em algum momento, no entanto podemos dar como exemplo de progressões descendentes a secção A do *Autumn leaves* ou do *All the things you are* – progressões de 4<sup>as</sup> ascendentes geram V.L.’s descendentes e esse é também o caso das progressões de 2<sup>as</sup> descendentes. Podemos dar como exemplos de progressões ascendentes os primeiros 6 compassos

do *It could happen to you* ou progressões de 2<sup>as</sup> ascendentes, onde o V.L. natural gera linhas melódicas ascendentes.

## 2. Como gerar voice leadings

Uma forma simples de estudar V.L.’s consiste em aplicar os critérios descritos abaixo, começando em cada nota da escala (ou modo) do primeiro acorde de uma progressão. É importante frisar que as linhas de V.L. devem evitar usar intervalos maiores que 2<sup>as</sup> e que o estudo deve começar por incidir em progressões simples e muito comuns, tais como II-V-I’s maiores e menores e turnarounds maiores e menores. Devemos também evitar utilizar extensões não-permitidas e as tónicas em acordes com 7<sup>as</sup> maiores.

### TAXA DO V.L. – UMA NOTA POR ACORDE

Direcção do V.L.:

- SUBIR: o V.L. deverá ser sempre ascendente (ex. 5)
- DESCER: o V.L. deverá ser sempre descendente (ex. 6)
- SUBIR OU MANTER: o V.L. deverá ser ascendente ou manter (nota comum)
- DESCER OU MANTER: o V.L. deverá ser descendente ou manter.
- MANTER OU SUBIR: o V.L. deverá manter e, caso não seja possível, subir.
- MANTER OU DESCER: o V.L. deverá manter e, caso não seja possível, descer.

Em muitos casos há mais que uma opção (em particular nos acordes dominantes onde são possíveis várias alterações) sendo necessário explorar as diversas possibilidades de V.L. que estes acordes oferecem, de forma a interiorizar as diferentes sonoridades possíveis.

## 3. Aplicações do voice leading à improvisação

Há várias formas de utilizar os V.L.’s gerados como conteúdo melódico num solo, ou como fonte de ideias para a improvisação, sendo um dos elementos mais estruturantes de muitas melodias. Abaixo são descritas algumas formas de aplicar V.L. na construção de um solo ou linha melódica:

### VOICE LEADING COM RITMO

Em progressões harmónicas mais densas ou tempos mais rápidos, esta técnica é muito eficaz. Consiste em criar melodias usando apenas um V.L. que pode ser manipulado ritmicamente. Algumas das formas mais típicas de manipular o ritmo básico de um V.L. (que normalmente consiste em semibreves e mínimas, dependendo do ritmo harmónico e do compasso) são a antecipação e outras formas de síncope, a repetição de notas e o uso de *cross-rhythms*.

Exemplos: *Outfits*, *Steve Swallow* – a melodia deste tema consiste num V.L. em semibreves sem qualquer manipulação rítmica.

*I Should Care*, *Moment’s Notice*, *Coltrane* – a melodia deste tema utiliza um V.L. de nota comum sobre os compassos 1, 2, 5 e 6 da parte A

exemplo 1a      exemplo 1b      exemplo 2a      exemplo 2b

Dm7 G7      CΔ      Dm7 G7      CΔ      Dm9 G7b13      CΔ9      Dm11 G7b9      CΔ13

b7   3   7      b7   5   3      9   b13   9      11   b9   13

exemplo 3a      exemplo 3b      exemplo 3c      exemplo 4  
(Dm7b5)

Dm7 G7#9      CΔ      Dm7 G7#11      CΔ9      Dm11 G7      CΔ      Dm7 G7b9      CΔ#5      CΔ13

5   #9   7      b7   #11   9      11   T   5      b5   b9   #5   13

exemplo 5  
("There wil never be another you")

exemplo 6

EbΔ      Dø      G7#11      Cm9      F7      Bbm7      Eb7#9      AbΔ      Db7      EbΔ      Cm11      F7      F13      Fm7      Bb7b9

5      b7   #11   9      b7   5   #9   7   5   3   11   b7   13   5   b9

exemplo 7      exemplo 7a      exemplo 7b

V.L.      variação rítmica      ornamentação

Dm9      G7b13      CΔ      Dm9      G7b13      CΔ      Dm9      G7b13      CΔ

9      b13   9      9      b13   9      9      b13   9

exemplo 7c  
frases arpejadas partindo do V.L.

Dm9      G7b9b13      CΔ

9      5      b13      b9      9      5

exemplo 8      exemplo 9

movimento paralelo      movimento contrário      movimento oblíquo      inversão do exº anterior

Dm9      G7b9b13      CΔ9      Dm9      G7#5#9      CΔ      Dm9      G7b13      CΔ9      Dm9      G7b13      CΔ9

5,9      b9,b13      5,9      5,9      #9,#5      7,9      11,9      T,b13      5,9      9,11      b13,T      9,5

com um *cross-rhythm* de semínimas pontuadas. Ver também exemplo 7a.

#### VOICE LEADING ORNAMENTADO

Um V.L. pode ser ornamentado de diversas formas para criar novas melodias. Algumas das técnicas mais comuns de ornamentação são: os cromatismos e duplos cromatismos, as notas de vizinhança e os enclosures. (ex: 7b)

Exemplos:

*I should care, Laura, I fall in love too easily, Solar, Miles Davis*

#### VOICE LEADING COMO NOTA DE TOPO/ NOTA DE BAIXO

Outro método para criar melodias consiste em definir o V.L. como a nota mais aguda ou mais grave e criar linhas melódicas que “acentuam” e definem esse V.L., usando os seguintes critérios:

- FRASES ESCALARES: privilegiando graus conjuntos
- FRASES ARPEJADAS: usando arpejos e inversões (graus disjuntos)
- FRASES QUE PARTEM DO V.L.
- FRASES QUE RESOLVEM NOV.L.

Podemos dar como exemplo de uma frase arpejada que parte de um V.L. a melodia do *Ask me now, Thelonious Monk*, ver também o ex<sup>o</sup> 7c.

— U.S.T'S: Esta técnica mais complexa consiste em arpejar *upper structure triads* (triádes que contêm extensões do acorde) delineando o V.L. num dos extremos da frase (nos graves ou tipicamente, nos agudos), funcionando melhor quando o V.L. utiliza extensões dos acordes.

#### MOTIVOS SOBRE V.L.

Este conceito consiste em usar um V.L. como nota alvo para o desenvolvimento de um motivo melódico com por exemplo na secção B do *All the things you are* de **Jerome Kern**.

#### MÚLTIPLOS VOICE LEADINGS

Esta técnica permite-nos criar frases a partir de dois (ou mais) voice leadings simultâneos, sendo semelhante ao contraponto, uma vez que as linhas irão interagir e criar movimento paralelo, similar, contrário ou oblíquo. (ex: 8)

A forma mais simples de começar a utilizar múltiplos V.L.'s consiste em utilizar o equivalente ao movimento oblíquo do contraponto, com

uma voz estática e outra em movimento; seguidamente sugere-se a exploração do movimento paralelo e similar e por fim do movimento contrário.

Para criar variações interessantes podemos inverter as vozes (tornando a voz mais grave na mais aguda e vice-versa) (ex: 9)

É também possível criar diversas melodias delineando os V.L.'s nos extremos grave e agudo da frase melódica.

Exemplos:

*All the things you are, Darn that dream, But beautiful, Pent-up House* de **Sonny Rollins**, *No minor affair* de **Rick Margitza**, e *Shaw'nuff* de **Charlie Parker**

## 4. Conclusão

Em suma o *voice leading* é uma fonte inesgotável de ideias para a criação de melodias e as suas aplicações não se esgotam aqui, sendo também um elemento fulcral na conexão de acordes (em instrumentos harmónicos), nos arranjos e orquestração, no treino auditivo e na composição.

Através da simplificação e redução melódica podemos por vezes encontrar a(s) linha(s) de V.L. na base de muitas frases melódicas. Sugiro a audição e análise dos exemplos de temas acima mencionados de forma a encontrar os V.L.'s que estruturam as suas melodias.

Como fonte de inspiração recomendo a audição da Música de J.S.Bach, o grande mestre do contraponto e por conseguinte da condução de vozes, e também os solos de Charlie Parker e de Clifford Brown, dois improvisadores com uma capacidade ímpar de estruturar as suas frases melódicas, frequentemente densas, com *voice leading* de uma lógica exemplar.

Também se podem encontrar muitas soluções musicais através da audição e análise de arranjos para médias e grandes formações dos grandes arranjadores, prestando muita atenção à parte de cada instrumento e ouvindo improvisadores com grande domínio de V.L. (em particular pianistas e guitarristas tais como: Bill Evans, Keith Jarrett, Brad Mehldau, Jim Hall, Peter Bernstein) tentando ouvir e entender os movimentos de vozes implícitos nas suas linhas melódicas e acordes.

JOHANN SEBASTIAN BACH  
RETRATO DE ELIAS GOTTLOB HAUSSMANN  
(1748)



**(...) COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO RECOMENDO A AUDIÇÃO DA MÚSICA DE J.S.BACH, O GRANDE MESTRE DO CONTRAPONTO E POR CONSEQUENTE DA CONDUÇÃO DE VOZES, E TAMBÉM OS SOLOS DE CHARLIE PARKER E DE CLIFFORD BROWN, DOIS IMPROVISADORES COM UMA CAPACIDADE ÍMPAR DE ESTRUTURAR AS SUAS FRASES MELÓDICAS, FREQUENTEMENTE DENSAS, COM VOICE LEADING DE UMA LÓGICA EXEMPLAR. (...)**

# OIÇAM LÁ ISTO AS ESCOLHAS DE...

Daniel Bernardes

**Escolher música é sempre uma tarefa árdua e ingrata e vai de mãos dadas com o momento que se vive. Na impossibilidade de listar todos os meus amigos músicos, decidi não dar primazia a ninguém optando por falar de música e intérpretes fora desse círculo que me é querido. Decidi repartir estas escolhas em três partes, todas elas com o piano em destaque mas percorrendo o universo do Jazz, do dito “piano clássico” e da música contemporânea.**

## 1. Johannes Brahms

*4 Balladen*, op. 10 (Arturo Benedetti Michelangeli)  
Op. 118, 118, 119 (Grigory Sokolov)

Um dos meus compositores favoritos é Johannes Brahms, e umas das interpretações mais divinas da sua música chega-nos pela mão de Arturo B. Michelangeli que toca como ninguém as *Balladen*, op. 10 do mestre alemão. São peças de juventude mas de uma profundidade magistral. Não poderia ainda deixar de referir os famosos Op. 117, 118 e 119 e chamava particular atenção para a o *II Intermezzo em Lá Maior*, op. 118 que é um pedaço de felicidade materializado em som, e que Grigory Sokolov toca como ninguém.

## 2. Ravel

*Miroirs* (Walter Gieseking)

Avançando um pouco na cronologia é imperativo falarmos de Ravel, que dispensa apresentações. Referir de passagem a magnífica interpretação do seu *Concerto em Sol* por Michelangeli, sob a batuta de Celibidache, mas o ciclo que queria destacar são os seus *Miroirs* tocados pelo Walter Gieseking. Falamos de um pianista com um som absolutamente perfeito para esta estética musical como se pode constatar na última peça *La Vallée des Cloches*.

## 3. Olivier Messiaen

*Quatuor pour la Fin du Temps*  
*Turangalila-Symphonie*

Tempo para falar de Messiaen! A música de Messiaen está cheia de luz, cor e cantos de pássaros! Figura dona de um dos estilos mais originais da história da música e pedagogo responsável pela geração da segunda metade do séc. XX na Europa. Destaco a sua *Turangalila-Symphonie* e o *Quatuor Pour la Fin du Temps*, escrito num campo de concentração e do qual destaco a *Louange à l'Éternité de Jésus*, uma das páginas mais bonitas da história da música.

## 4. Karlheinz Stockhausen

*Kontakte*

Karlheinz Stockhausen foi um dos meus heróis de adolescência, a irreverência da sua música e os avanços que trouxe à composição musical continuam a fascinar-me. Várias peças suas mexem comigo: *Mantra*, *Gruppen* ou *Gesang der Jünglinge* mas a peça que queria destacar é *Kontakte*. Escrita para piano, percussão e fita magnética é, a meu ver, dos casamentos mais felizes entre a realidade acústica e electrónica.

## 5. György Ligeti

*Works for Piano*

Não esqueço a primeira vez que ouvi a música de György Ligeti que me provocou um êxtase absoluto! As suas micropolifonias em peças como *Atmospheres*, *Lux Aeterna* ou *Ramifications*, o magnífico segundo quarteto de cordas – tanta música incrível! Puxo a brasa à minha sardinha (e eu nem gosto de sardinha) e refiro os estudos para piano, nomeadamente o *V Arc-en-ciel*, pela mão do pianista Pierre-Laurent Aimard.

## 6. Keith Jarrett

*The Köln Concert*

Hora de falar de Jazz! Para todo e qualquer pianista devia ser obrigatória, por lei, a escuta do *Köln Concert* do Keith Jarrett. É um hino à improvisação e é música que toca o transcendental como nenhuma outra.

## 7. Brad Mehldau

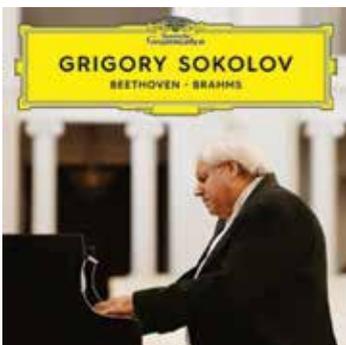
*Elegiac Cycle*

Na geração seguinte referia o *Elegiac Cycle* de Brad Mehldau como outro momento definidor da história do piano solo. O romantismo nunca esteve tão de mãos dadas com a improvisação, o *touché* ao piano e a construção de solos fazem deste disco ponto de passagem obrigatório para quem goste de piano.

## 8. Craig Taborn

*Chants*

*Craig Taborn Chants* – é um disco que me tira muito do sério, quer pelo pianismo extremamente original de Taborn, quer pela sua veia de compositor. O disco torna dúbio, como poucos outros, a fronteira entre a composição e a improvisação em trio, onde se sente uma cumplicidade incrível e uma originalidade muito fresca.



# POST-IT MEMÓRIAS DO HCP

Inês Homem Cunha

Temos usado o **Post it** para chamar a atenção para períodos ou acontecimentos da história do Hot Clube que queremos destacar.

Normalmente recorremos a itens do Núcleo Museológico para ilustrar esses momentos, num exercício de revisitação da história deste Clube. Neste número decidimos fazer o inverso. É inegável que a pandemia teve uma influência arrasadora nas vidas dos músicos e das instituições a eles ligadas. Fará parte de qualquer história, assim como farão parte dessa história as fotografias de músicos e de público distanciados e de máscara.

A juntar às medidas de restrição impostas à nossa actividade em geral, o Hot Clube tem uma dimensão e um espaço que não permite fazer grandes adaptações. Daí que, em Julho de 2021, tenhamos decidido levar o Hot a espaços mais amplos e fizemos cinco concertos no jardim da Biblioteca Municipal de Alcântara, com o Apoio do Fundo Garantir Cultura.

Um projecto que, não obstante todas as condicionantes foi, no quadro da pandemia, um vislumbre de verdadeira liberdade, alegria e comunhão musical.



CARTAZ © MARIA BOUZA

FOTOGRAFIA © CARLOS REIS



## HOT CLUBE

### JAZZ

**Novas gravações e edições discográficas:** Count Basie (*Atomic Basie*), John Coltrane (*Blue Train*), Miles Davis & Gil Evans (*Miles Ahead*), Duke Ellington (*Such Sweet Thunder*), Ella Fitzgerald (*Sings the Duke Ellington Song Book e Ella & Louis Again*), Tommy Flanagan (*Overseas*), Stan Getz & J. J. Johnson (*At The Opera House*), Coleman Hawkins Encounters Ben Webster, Billie Holiday (*Songs for Distingué Lovers*), Thelonious Monk (*Thelonious Himself*), Art Blakey's Jazz Messengers with Thelonious Monk, Art Pepper (*AP Meets the Rhythm Section*), Max Roach (*Jazz in 3/4 Time*), Sonny Rollins (*Way Out West, Newk's Time e A Night at The Village Vanguard*).

**Novos standards de jazz:** *Along come Betty e I remember Clifford* (Benny Golson), *Crepuscule with Nellie* (Thelonious Monk); *Soul eyes* (Mal Waldron), *Sonny moon for two* (Sonny Rollins). Fundação do trio vocal Lambert, Hendricks & Ross e gravação do primeiro disco: *Sing a Song of Basie*. Início da colaboração Miles Davis/Gil Evans. O Governo americano patrocina digressões de Benny Goodman (Camboja) e Wilbur de Paris (África). Abre em Paris o clube Chat Qui Pêche. No Brandeis University Festival of the Arts, Gunther Schuller dirige, em estreia, seis composições da estética Third Stream encomendadas pela Universidade a músicos de jazz (J. Giuffrè, Mingus, G. Russell e Schuller) e de música clássica (Milton Babbitt e Harold Shapiro), posteriormente editadas em disco (*Modern Jazz Concert*). **Cinema:** Miles Davis grava a música de *Ascenseur pour l'Échafaud* de Louis Malle; John Lewis compõe para *Sait-on Jamais*, de Roger Vadin. Estreia de *West Side Story*, de Leonard Bernstein. Nascimento de Geri Allen. Morte de Serge Chaloff, Jimmy Dorsey e Walter Page.



**Discos:** Cannonball Adderley (*Somethin' Else*), Art Blakey & The Jazz Messengers (*Moanin' e Au Club Saint-Germain*), Sonny Clark (*Cool Struttin'*), Ornette Coleman (*Somethin' Else!!!!*), John Coltrane (*Soultrane*), Miles Davis (*Milestones e, com Gil Evans, Porgy and Bess*); **Duke Ellington** (*Black, Brown and Beige*), Bill Evans (*Everybody Digs Bill Evans*); Gil Evans (*New Bottle, Old Wine*), Billie Holiday (*Lady in Satin*), Ahmad Jamal (*At The Pershing*), Michel Legrand (*Légrand Jazz, com Miles, Coltrane, Bill Evans, Ben Webster, Paul Chambers entre outros, Booker Little (4 and Max Roach), Bud Powell (The Scene Changes), Sonny Rollins (The Freedom Suite, com Oscar Pettiford e Max Roach), Cecil Taylor (Looking Ahead!), Randy Weston (Little Niles), Frank Sinatra (Come Dance with Me), Jimmy Smith (The Sermon)*).

**Novos standards de jazz:** *The blessing e Ramblin'* (Ornette Coleman), *Blues march* (Benny Golson), *Moanin'* (Bobby Timmons), *Nardis* (Bill Evans), *Milestones* (Miles Davis) *Hy-Fly* (Randy Weston). Primeira experiência modal significativa de Miles Davis (*Milestones*), Bill Evans e Jimmy Cobb juntam-se a Paul Chambers na secção rítmica de Miles. Stan Getz e Oscar Pettiford fixam residência na Escandinávia. Em plena Guerra Fria, os EUA intensificam a sua ofensiva cultural com digressões de Dave Brubeck (Médio Oriente), W. Herman (América Latina) e J. Teagarden (Extremo Oriente). Art Kane assina a célebre fotografia *A Day in Harlem*. Abertura dos clubes Village Gate (Nova Iorque) e Blue Note (Paris). Fundação das revistas *Coda* (Canadá) e *Jazz Review* (de Nat Hentoff e Martin Williams). O crítico Barry Ulanov denuncia, na *Down Beat*, o sexismo existente na cena do jazz. Fecha o célebre Savoy Ballroom (NY). **Cinema:** *I Want to Live*, de Robert Wise, com música de Johnny Mandel.

## 1957

Fernando Pelayo presidente do Hot. Os pianistas Friedrich Gulda e Raymond Fol actuam no Clube. Através da Discostudio, em Lisboa, **Luiz Villas-Boas** começa a importar directamente do EUA discos de jazz "tradicional, médio, contemporâneo".



## 1958

Luiz Villas-Boas presidente. A lista dos "conjuntos" participantes no 4º Festival de Música de Jazz (organizado pelo Hot em Novembro no cinema Roma, Lisboa) identificados pelas casas de espetáculos onde actuavam retrata a realidade jazzística da época: Alex Williams (Tágide), Cinque Vagabondi (Casino Estoril), Helder Martins (Aquário), Helder Reis (Galo), João Oliver (Hotel Embaixador), Jorge Machado (Casino Estoril), José Magalhães (Maxime) e Quinteto Hot Clube de Portugal. O trompetista José Magalhães é seleccionado para integrar a International Youth Band, dirigida por Marshall Brown, no Festival de Jazz de Newport. Fundação do Clube Universitário de Jazz (CUJ) por um grupo de sócios do Hot liderado por Raúl Calado. O quarteto vocal Peter Sisters actua no Clube. O sanfonista **Sivuca** toca no Hot.

### MUNDO

Em Setembro, apesar da decisão do Supremo Tribunal dos EUA ordenando o fim da segregação racial escolar, o Governador do Arkansas, Orval Faubus, impede pela força policial a entrada de crianças negras numa escola de Little Rock, provocando um grave conflito racial resolvido, após muitas hesitações, pela intervenção de forças militares mobilizadas pelo Presidente Eisenhower. Indignado com a passividade da Casa Branca, Louis Armstrong cancela a sua digressão, promovida pelo governo americano, à União Soviética e Charles Mingus compõe *Fables of Faubus*, violento e histórico manifesto musical anti-racista. Criação do Mercado Comum Europeu. URSS lança o primeiro satélite (Sputnik 1). Franco anuncia a restauração, após a sua morte, da Monarquia em Espanha. Fulgencio Batista suspende a Constituição cubana. Primeiro teste inglês de bomba termonuclear no Pacífico. RTP inicia emissões regulares. Criação da Sociedade Portuguesa de Escritores. **Livros:** Albert Camus – Prémio Nobel; Jack Kerouac (*On the Road*), Italo Calvino (*O Barão Trepador*), Boris Pasternak (*Dr. Jivago*), Aquilino Ribeiro (*A Casa Grande de Romarigães*), Roland Barthes (*Mitologias*), George Bataille (*O Erotismo*). Artes plásticas: Picasso (*As Meninas*); Salvador Dalí ilustra *D. Quixote de la Mancha*, Júlio Pomar (*Maria da Fonte*), Júlio Resende (*Pescadores*). **Cinema:** Sidney Lumet (*Doze Homens em Fúria*), Ingmar Bergman (*Morangos Silvestres*), Charlie Chaplin (*Um Rei em Nova Iorque*), Michelangelo Antonioni (*O Grito*), Federico Fellini (*Noites de Cabiria*); Luchino Visconti (*As Noites Brancas*), Billy Wilder (*Testemunha de Acusação*). Morte dos realizadores Max Ophuls e Eric von Stroheim, do maestro Arturo Toscanini e do compositor Jean Sibelius, do senador Joseph McCarthy principal protagonista da maior "caça às bruxas" nos EUA do pós-guerra.



Face ao agravamento da guerra na Argélia o general **De Gaulle** elogia o exército, constitui um governo de salvação nacional e é eleito Presidente da República em Dezembro. A sociedade francesa debate acesamente a tortura na Argélia. Execução de Imre Nagy, ex-chefe do Governo da República Popular da Hungria (1953-55) e líder da "revolução húngara" de 1956. Khrushchev visita Pequim. Marrocos autoriza as mulheres a escolherem os maridos e restringe a poligamia. Eleição do Papa João XXIII após a morte de Pio XII. Edição do primeiro LP stereo. Sob fortes acusações de fraude do General Humberto Delgado, o almirante Américo Tomás, candidato da União Nacional, é eleito Presidente da República. D. António Ferreira Gomes, bispo do Porto, escreve uma carta a Salazar criticando o regime, facto que lhe custou um exílio de 10 anos. **Livros:** Boris Pasternak, Prémio Nobel; Louis Aragon (*A Semana Santa*), Marguerite Duras (*Moderato Cantabile*), Tomasi di Lampedusa (*O Leopardo*), Graham Greene (*O Nosso Agente em Havana*), Tennessee Williams (*Bruscamente no Verão Passado*), Aquilino Ribeiro (*Quando os Lobos Uivam*), Cardoso Pires (*O Anjo Ancorado*), Manuel da Fonseca (*Seara de Vento*), Alves Redol (*A Barca dos Sete Lemes*), Alexandre O'Neil (*No Reino da Dinamarca*); *Sociedade de Consumo* (Kenneth Galbraith), *Antropologia* (Claude Lévi-Strauss) **Artes:** 1º Salão de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes; João Hogan pinta Telhados de Paris; Palácio Presidencial de Brasília de Oscar Niemeyer. **Cinema:** *O Meu Tio* (Jacques Tati), *Gigi* (Vincent Minnelli), *Os Nus e os Mortos* (Raoul Walsh), *A Mulher que Viveu Duas Vezes* (Alfred Hitchcock), *Gata em Telhado de Zinco Quente* (Richard Brooks).

## HOT CLUBE

## JAZZ

**Um ano discográfico sobrenatural:** *Kind of Blue* (Miles Davis), *Giant Steps* (John Coltrane), *The Shape of Jazz to Come* (Ornette Coleman), *Mingus Ah Um* e *Blues and Roots* (Charles Mingus), *Time Out* (Dave Brubeck), Bill Evans (*Peace Piece and Other Pieces* e *Portrait in Jazz*), The Thelonious Monk Orchestra at Town Hall, New York, N.Y. (George Russell). A estreia de **Ornette Coleman** & Don Cherry no clube Five Spot (NY) cria graves divisões na comunidade musical. Jack Kerouac lê textos seus acompanhado por Al Cohn e Zoot Sims. À porta do clube Birdland (NY), Miles Davis é agredido por um polícia e preso. Criação do quinteto dos irmãos Adderley e do Jazztet de Art Farmer/Benny Golson. **Novos standards:** *Lonely woman*, *Peace* e *Turnaround* (Ornette), *Giant steps*, *Naima*, *Mr. P.C.*, *Equinox*, *Cousin Mary* (Coltrane), *All blues*, *Freddie Freeloader*, *So what* (Miles) e *Blue in green* (Miles/Bill Evans), *Better git it in your soul*, *Goodbye pork pie hat*, *Fables of Faubus*, *Nostalgia in Times Square* (Mingus), *Killer Joe* (Benny Golson), *My Favorite Things* (Rodgers & Hammerstein II). **Cinema:** *A Bout de Souffle* (J.-L. Goddard, música: Martial Solal), *Anatomy of a Murder* (Otto Preminger, música: Duke Ellington), *Des Femmes Disparaissent* (Édouard Molinaro, música: Jazz Messengers), *Jazz on a Summer Day* (Festival de Newport 1958), *Les Liaisons Dangereuses* (Roger Vadim, música: Duke Jordan e participação de Kenny Dorham, Kenny Clarke, Jazz Messengers, Monk), *Odds Against Tomorrow* (Robert Wise, música: John Lewis), *Shadows* (John Cassavettes, música: Shafi Hadi e C. Mingus). Morte de Sidney Becht, Billie Holiday, Lester Young, Babby Dodds, Boris Vian.



**Gravações:** *Free Jazz* (double quartet de Ornette Coleman), Max Roach (*We Insist! Freedom Now Suite*), Count Basie (*Kansas City Suite*, música e arranjos de Benny Carter), John Coltrane (*Plays the Blues* e *My Favorite Things*) Miles Davis & Gil Evans (*Sketches of Spain*), Eric Dolphy (*Far Cry*), Art Farmer & Benny Golson (*Meet the Jazztet*), Charles Mingus Presents Charles Mingus, Jackie McLean (*Jackie's Bag*), *The Incredible Jazz Guitar of Wes Montgomery*, Gerry Mulligan (*The Concert Jazz Band At The Village Vanguard*), Jimmy Smith (*Midnight Special*), George Russell (*Jazz in Space Age*), *The World of Cecil Taylor* (com Archie Shepp). Formação do John Coltrane Quartet (com McCoy Tyner, Steve Davis e Elvin Jones). As gravações de estúdio de Coltrane com os membros do quarteto de Ornette (Don Cherry, Charlie Haden, Ed Blackwell) – que a editora Atlantic acha não terem “a disciplina necessária para representar a arte da América” – só serão editadas em 1966 (*The Avant-Garde*). Numa das primeiras grandes manifestações político-musicais da luta pelos direitos civis, em protesto contra a política salarial do Festival de Newport, acusado de pagar mais aos nomes “mainstream” em detrimento dos “modernists”, um grupo de músicos – liderado por Mingus e Max Roach – organiza uma iniciativa alternativa, *The Newport Rebels Festival*, concebido como “um anti-festival onde os músicos tomam em mãos os meios de produção” e como uma denúncia, nas palavras de Mingus, de uma programação que “confundia o rock 'n' roll com o jazz, que perdeu a sua identidade com o jazz”. Nasceram Branford Marsalis, Greg Osby, Maria Schneider, Jeff “Tain” Watts. Morre Oscar Pettiford.

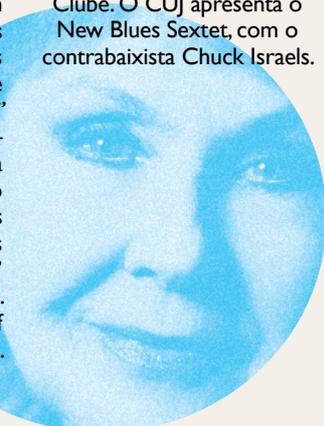


O trompetista Bill Coleman participa na Queima das Fitas em Coimbra e toca no Hot. O clube encerra para obras de “alargamento” do espaço.

A Orquestra de **Claude Luter** toca em Lisboa (cinema Império) e na RTP.

## 1960

A cantora **Rita Reys** e o pianista Pim Jacobs actuam em Lisboa, no Hot e no Hotel Embaixador. Na sequência do concerto da Orquestra de Quincy Jones no cinema Império (Lisboa), alguns dos músicos animam uma histórica jam session no Clube. Dexter Gordon toca em Lisboa e nos estúdios da RTP. A bossa nova entra no Hot pela voz de Agostinho dos Santos. O pintor António Alfredo assina um mural (já desaparecido) na sede do Clube. O CUJ apresenta o New Blues Sextet, com o contrabaixista Chuck Israels.



## MUNDO

Vitória dos guerrilheiros de Fidel Castro em Cuba e expropriação das plantações e da indústria americana do açúcar. Chegada à lua da primeira nave espacial, o foguetão soviético Lunik 2. ONU recusa a admissão da República Popular da China e aprova a condenação do *apartheid*. Fuga do Dalai-Lama do Tibete. A Suíça nega, em referendo, o direito de voto às mulheres. Primeira reunião, em Estrasburgo, do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. Vaticano ordena a suspensão do Movimento dos Padres Operários em França, fundado em 1943. Fim da eleição directa do Presidente da República Portuguesa substituída por um colégio eleitoral. Lançamento no mercado americano da cassete. Inauguração do Museu Guggenheim, em Nova Iorque, no ano da morte do seu criador, o arquitecto Frank Lloyd Wright. Estreia em Paris da ópera *A Voz Humana*, de Francis Poulenc sobre a peça homónima de Jean Cocteau. **Livros:** *A Feira* (John Updike), *O Tambor* (G. Grass), *O Pagador de Promessas* (Dias Gomes), *Gaivotas em Terra* (David Mourão-Ferreira). Morte do escritor Raymond Chandler. **Cinema:** *Some Like it Hot* (Billy Wilder), *Rio Bravo* (Howard Hawks), *Intriga Internacional* (A. Hitchcock), *Os 400 Golpes* (François Truffaut), *Hiroxima, Meu Amor* (Alain Resnais), *O Tigre de Eschnapur* e *O Túmulo Índio* (**Fritz Lang**).



Início da década das grandes lutas pelos direitos civis dos negros americanos. O Senado vota a Lei dos Direitos Civis (6 Maio) visando impedir leis e práticas eleitorais discriminatórias das comunidades negras e latinas nos estados segregacionistas do Sul. John F. Kennedy eleito Presidente dos EUA. Israel anuncia a prisão e posterior julgamento e condenação à morte (executado em 1962) de Adolph Eichmann, um dos principais organizadores nazis do Holocausto (Solução Final). A Alemanha Federal declara ir indemnizar as vítimas francesas do nazismo. Brejnev Presidente da URSS. Grave incidente entre os EUA e a URSS com o abate sobre o território soviético de um avião espião U-2, pilotado pelo agente da CIA Francis Gary Powers. Agravamento do conflito sino-soviético: o Partido Comunista da URSS “condena o dogmatismo” de Mao Tsé-Tung. Massacre de Sharpville (África do Sul) – uma manifestação da população negra contra os passaportes internos (*pass laws*), altamente restritivos da circulação, é brutalmente reprimida pela polícia: 69 mortos e 180 feridos. Independência da República do Congo: o 1º Ministro Patrice Lumumba será assassinado em Janeiro de 1961. Terramoto de Agadir (Marrocos) provoca 12 a 15 mil mortos, 12 mil feridos e 35 mil deslocados. Início da operação para salvar os monumentos egípcios ameaçados pelas águas da barragem de Assuão. **Cinema:** *Psico* (Hitchcock), *A Aventura* (M. Antonioni), *Os 7 Magníficos* (John Sturges), *A Fonte da Virgem* (I. Bergman), *O Acochado* (Jean-Luc Godard), *O Sargento Negro* (John Ford), *O Diabólico Dr. Mabuse* (Fritz Lang). **Livros:** *O Quarteto de Alexandria* (Lawrence Durrell), Jorge de Sena (*Andanças do Demónio*), Vergílio Ferreira (*Cântico Final*). Morte de Albert Camus (num acidente de automóvel), Richard Wright, Jaime Cortesão.

## HOT CLUBE

### JAZZ

**Discos:** *Olé, Africa Brass* e *Live At The Village Vanguard* (Coltrane), Miles Davis (*Someday My Prince Will Come, In Person* em The Blackhawk e no Carnegie Hall, com Gil Evans), *At The Five Spot* (Eric Dolphy), *Explorations* e *The Village Vanguard Sessions* (Bill Evans), Dexter Gordon (*Doin' Alright*), Roland Kirk (*We Free Kings*), Motion (Lee Konitz com Elvin Jones), *Workout* (Hank Mobley), *Oh Yeah!* (Mingus), Oliver Nelson (*Blues and the Abstract Truth*), George Russell (*Ezz-thetic*). Criação do trio de Jimmy Giuffre com Paul Bley e Steve Swallow. Ornette, Coltrane e Dolphy são atacados em vários artigos publicados na *Down Beat*. **Cinema:** *The Connection* – filme de Shirley Clarke, com Jackie McLean e Freddie Redd. Martin Ritt realiza *Paris Blues*, com música de Duke Ellington/Billy Strayhorn e participação de Louis Armstrong. **Novos standards:** *Impressions* (Coltrane), *Stolen Moments* (Oliver Nelson), *Bluesette* (Toots Thielemans). Nascimento de Wynton Marsalis. Morrem Scott LaFaro (25 anos) e Booker Little (23)



## 1961

Sesimbra acolhe um espectáculo nascido de uma parceria da Companhia Nacional de Bailado (TNSC) com o Hot Clube.

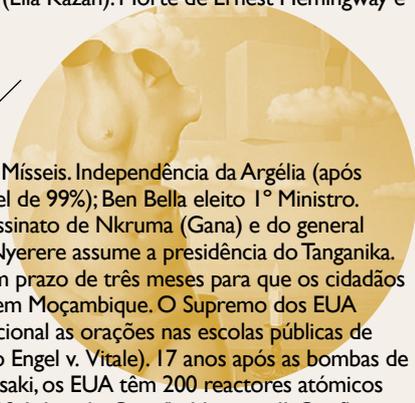
A pianista holandesa Pia Beck toca no Clube. Primeiro e único concerto de **Louis Armstrong** em Portugal (Lisboa).



### MUNDO

Construção do Muro de Berlim. EUA cortam relações com Cuba e decretam o embargo comercial, económico e financeiro à ilha no ano seguinte; invasão da Baía dos Porcos, a partir da Florida, por exilados cubanos com apoio americano. URSS coloca o primeiro astronauta no espaço, Yuri Gagarin. Capitão Henrique Galvão dirige o assalto ao paquete Santa Maria, numa acção de protesto contra o Estado Novo salazarista. Início da revolta em Angola contra o poder colonial, anunciando uma longa guerra pela independência (1961-1974). Golpe militar abortado, dirigido pelo general Botelho Moniz, Ministro da Defesa. União Indiana ocupa Goa, Damão e Diu. Construção da Cidade Universitária, Lisboa (projecto de Pardal Monteiro). Introdução no mercado da pílula anticoncepcional. Descoberta do código genético.

**Livros:** *O Inverno do Nosso Descontentamento* (Steinbeck), *Os Velhos Marinheiros* (Jorge Amado), *O Mundo dos Outros* (José Gomes Ferreira), *A Colher na Boca* (Herberto Helder), *A Engrenagem* (Soeiro Pereira Gomes), *Barranco de Cegos* (Alves Redol), *Domingo à Tarde* (Fernando Namora), *Os Condenados da Terra* (Frantz Fanon), *Geografia e Civilização* (Orlando Ribeiro) **Artes:** *La Folie des Grandeurs II* (Magritte), *O Afogado* (João Hogan, xilogravura), *Corrida* (Júlio Pomar, gravura), *O Segredo* (Lagoa Henriques, bronze) **Cinema:** *A Noite* (Antonioni), *Salvatore Giuliano* (Francesco Rosi), *La Dolce Vita* (Fellini), *Viridiana* (Luis Buñuel), *O Último Ano em Marienbad* (Alain Resnais), *Jules et Jim* (François Truffaut), *Esplendor na Relva* (Elia Kazan). Morte de Ernest Hemingway e João Villaret.



## 1962

Fernando Lopes filma, no Hot Clube, cenas para o seu filme *Belarmino* (estreado em 1964), com música de Manuel Jorge Veloso e participação do Conjunto do Hot Club.

O saxofonista **Herb Geller** actua, pela primeira vez, no clube.



**Discos:** *Ballads* (Coltrane), *Jug & Dodo* (Gene Ammons & Dodo Marmarosa), *Money Jungle* (Duke Ellington com Mingus & Max Roach) Duke Ellington & John Coltrane, Dexter Gordon (*Go!* e *A Swingin' Affair*), Bill Evans & Jim Hall (*Undercurrent*), Herbie Hancock (*Takin' Off*), Roy Haynes (*Out of the Afternoon*), *Let Freedom Ring* (Jackie McLean), *Monk's Dream* (T. Monk), *Full House* (Wes Montgomery), Sonny Rollins (*The Bridge*), Oscar Peterson (*Night Train*). Stan Getz & Charlie Byrd gravam *Brazilian Mood* e abrem as portas da América ao reinado da Bossa Nova. Primeiras gravações em nome próprio de Albert Ayler, Herbie Hancock, **Archie Shepp**, McCoy Tyner. Digressão de Benny Goodman na União Soviética. Dexter Gordon e Johnny Griffin fixam-se na Europa. 22 anos depois Cootie Williams regressa à orquestra de Ellington. Oscar Brown Junior estreia na TV a série *Jazz Scene USA*, posteriormente apresentada na RTP por Manuel Jorge Veloso. **Standards:** *Days of wine and roses* (Henry Mancini/Johnny Mercer), *Watermelon man* (Herbie Hancock). Morte de Eddie Costa e Israel Crosby. Nascem Terence Blanchard e Michel Petrucciani.



Cuba – Crise dos Mísseis. Independência da Argélia (após referendo favorável de 99%); Ben Bella eleito 1º Ministro. Tentativas de assassinato de Nkruma (Gana) e do general De Gaulle. Julius Nyerere assume a presidência do Tanganika. Portugal impõe um prazo de três meses para que os cidadãos indianos abandonem Moçambique. O Supremo dos EUA declara inconstitucional as orações nas escolas públicas de Nova Iorque (caso Engel v. Vitale). 17 anos após as bombas de Hiroshima e Nagasaki, os EUA têm 200 reactores atómicos activos e a URSS 39. Início do Concílio Vaticano II. Conflito sino-indiano. Abolição da escravatura no Iemen. Início da construção em Lisboa da ponte sobre o Tejo e da sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Lançamento do primeiro disco (homónimo) de Bob Dylan. **Cinema:** *Lawrence da Arábia* (David Lean), estreia do primeiro filme de James Bond (*Dr. No*). **Livros:** John Steinbeck – Prémio Nobel; *Um Dia na Vida de Ivan Denisovitch* (A. Soljenitsine), *Quem Tem Medo de Virginia Wolf?* (Edward Albee), *Another Country* (James Baldwin), *Estrela Polar* (Vergílio Ferreira), *Há Mais Mundos* (José Régio), *A Obra Aberta* (Umberto Eco), *A Era das Revoluções* (E. J. Hobsbawm), *Paz e Guerra entre as Nações* (Raymond Aron), *A Paleta e o Mundo* (Mário Dionísio). Morte de William Faulkner, George Bataille, Hanns Eisler, Eleanor Roosevelt, Marilyn Monroe, Charles Laughton.



---

**HOT CLUBE**

**discostudio**

*apresenta*

TERÇA-FEIRA — 19 DE MAIO DE 1959 — ÀS 18.15 HORAS



*Bill Coleman*

**E A SUA ORQUESTRA**

**1959** Bill Coleman e a sua Orquestra tocam no Hot Clube de Portugal

---

**HOTCLUBPORTUGAL**

UGONNA OKEGWO contrabaixo  
MARK WHITFIELD bateria

WAYNE ESCOFFERY saxofone tenor  
DAVID KIKOSKI piano

# Wayne Escoffery Quarteto

**15 MARÇO**